

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

LUIZ AUGUSTO ELY

**SOBRE LIVROS E LEITORES: O DISCURSO SOBRE O LIVRO E A
CONSTRUÇÃO DE IMAGENS EM MATÉRIAS DA
*FOLHA DE S. PAULO***

CURITIBA
2011

LUIZ AUGUSTO ELY

**SOBRE LIVROS E LEITORES: O DISCURSO SOBRE O LIVRO E A
CONSTRUÇÃO DE IMAGENS EM MATÉRIAS DA
*FOLHA DE S. PAULO***

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras – área de concentração em Estudos Linguísticos, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal do Paraná - UFPR, como parte das exigências para a obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientador (a): Profa. Dra. Lígia Negri

Curitiba

2011



P A R E C E R

Defesa de dissertação do mestrando LUIZ AUGUSTO ELY para obtenção do título de **Mestre em Letras**.

Os abaixo assinados LÍGIA NEGRI, SÍRIO POSSENTI e IARA BEMQUERER COSTA arguíram, nesta data, o candidato, o qual apresentou a dissertação:

“SOBRE LIVROS E LEITORES: O DISCURSO SOBRE O LIVRO E A CONSTRUÇÃO DE IMAGENS EM MATÉRIAS DA *FOLHA DE SÃO PAULO*”

Procedida a arguição segundo o protocolo que foi aprovado pelo Colegiado do Curso, a Banca é de parecer que o candidato está apto ao título de **Mestre em Letras**, tendo merecido os conceitos abaixo:

Banca	Assinatura	APROVADO Não APROVADO
LÍGIA NEGRI		aprovado
SÍRIO POSSENTI		aprovado
IARA BEMQUERER COSTA		Aprovado

Curitiba, 12 de agosto de 2011

Prof.ª Dr.ª Teresa Cristina Wachowicz
Vice-Coordenadora

AGRADECIMENTOS

Durante meu percurso por este caminho que tem uma de suas etapas cumpridas com esta dissertação, tive a oportunidade de conhecer pessoas com quem foi possível aprender muito, e pouco disso pude mostrar nesse trabalho. Algumas dessas pessoas não estiveram presentes antes desse processo, mas acompanharam o durante; outras estiveram e já não estão mais. Independentemente disso, há algumas que foram essenciais para a concretização deste trabalho, que poderia ser chamado de um sonho ou, em outras palavras, de um desejo. Trazer seus nomes a público é, em alguma medida, demonstrar parte de minha gratidão, que certamente ultrapassa os limites de uma folha de papel. Espero, contudo, que através dessas palavras meus agradecimentos não pareçam piegas, mas que possam ser essencialmente verdadeiros.

Gostaria então, de deixar registrado meu muito obrigado à minha mãe, Adiva, e às minhas irmãs, Isabel e Deise, pessoas que sempre estiveram ao meu lado, dispostas não só a ajudar, mas, sobretudo, a acreditar e fazer com que muito do que possuo hoje deixasse de ser uma vontade e se tornasse realidade;

Aos meus sobrinhos, Ugo e Elena, que quando mais queriam brincar, tiveram que escutar: “agora não, o Tio Lu tem que estudar”;

Ao meu pai, Albano;

Aos meus cunhados, Neto e Silvio;

Aos meus colegas de pós-graduação, Juliana Repchuk, Melissa Freitas e Atílio Matozzo – mestrado, Rita Tonocchi e Luciane Costa – doutorado, e especialmente à Carla Edila Silveira (companheira de viagens, para o Congresso da Abralin em João Pessoa, para o Seminário do Gel em Ribeirão Preto e... semanalmente, para as aulas no IEL em Campinas), obrigado pelo apoio, pelas palavras de incentivo e, principalmente, pelas muitas alegrias que tivemos em todos os momentos que compartilhamos;

À professora Lígia Negri, do DELIN/UFPR, que além de me orientar pacientemente, acreditou no meu trabalho e me instigou a observar a linguagem não só na sua singularidade, mas inclusive, na sua completude;

Às professoras Iara Bemquerer Costa, Claudia Mendes Campos e Gesualda Rasia, do DELIN/UFPR, sempre dispostas a ouvir e a conversar a respeito do meu

trabalho, tornando-se grandes interlocutoras;

À professora Sandra Lopes Monteiro, do DELEM/UFPR, pelo apoio ao meu trabalho;

Ao Programa de Pós-Graduação em Letras – UFPR, sob a coordenação dos professores Paulo Soethe e Maria José Foltran, e aos secretários Odair e Ernani;

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pela bolsa de estudos concedida;

Às professoras Anna Maria Nolasco (UFBA) e Rosa Helena Blanco Machado (UNEB), que se dispuseram a me receber em Salvador durante a última semana de agosto de 2008, para acompanhar as aulas do professor Dominique Maingueneau (Universidade de Paris XII) na Universidade Federal da Bahia;

Ao professor Sírio Possenti, do IEL/UNICAMP, que me recebeu na condição de aluno especial, para estudos junto ao Programa de Pós-Graduação em Linguística, durante o primeiro semestre de 2009;

Não poderia deixar de agradecer ao amigo Carlos Eduardo Steiner, um curitibano “perdido” por Campinas que, durante as minhas viagens semanais para as aulas no IEL, se dispôs a me mostrar uma Campinas muito além da UNICAMP;

E também à Suélen Trevisan Koch Santos, que deixou de ser uma colega e se tornou uma grande amiga, companheira das aulas do Sírio no IEL, sempre muito disposta a ajudar e com quem compartilhei ótimas risadas.

Enfim, outros nomes poderiam ter sido “mostrados”; não tê-los mencionado pode até ser uma grosseria. Porém, não tornar públicos estes que aqui estão, seria uma crueldade. A todos vocês o meu imenso e sincero obrigado.

Luiz Augusto Ely
Curitiba, inverno de 2011

RESUMO

Esta dissertação tem por objetivo apresentar resultados de nossa pesquisa de mestrado, em que procuramos investigar os recursos utilizados quando se tem o objeto 'livro' como fonte de notícia. Para tanto, fizemos, inicialmente, um levantamento de matérias publicadas pelo jornal *Folha de S. Paulo* entre os meses de março de 2008 e fevereiro de 2009, veiculadas em seu caderno de variedades – *Ilustrada*, e em seu suplemento literário – *Mais!*; concentramos, porém, a nossa análise no mês de março de 2008, em virtude de essa amostragem apreender as características essenciais dessas matérias. Diante desse *corpus*, e tendo como referencial teórico conceitos sobre discurso e enunciado propostos pela Análise do Discurso de linha francesa, elaboramos nosso estudo a partir de categorias de análise desenvolvidas por Dominique Maingueneau. Assim, nos deparamos com uma diversidade de textos, compostos por gêneros discursivos característicos – notas, artigos, matérias; no entanto, certos textos nos chamaram a atenção, pois, ainda que publicados como matérias de jornal, mais parecem textos literários, devido ao espaço em que são divulgados e, certamente, por conta do público a quem são destinados. Para Maingueneau, é “nas formas literárias que se tem de tornar manifesto o pensamento que a literatura produz”; além disso, podemos conceber que os discursos representam o mundo e, assim, suas enunciações são parte integrante desse mundo representado. Daí nossa associação entre essa concepção e a categoria de cena da enunciação, uma vez que todo discurso pretende convencer instituindo a cena de enunciação que o legitima, sendo esta responsável pela organização linguística entre o texto e o discurso como instituição de fala e instauração de um evento verbal no mundo, já que um texto não é um conjunto de signos inertes, mas sim, um rastro deixado por um discurso em que a fala é encenada. Tendo isso em vista, nos faremos valer dos conceitos de *ethos* e *pathos*, afinal, ainda que tenhamos dois cadernos de um mesmo jornal, estes periódicos são pensados tendo como público, como leitores, sujeitos distintos. Nesse sentido, acreditamos fortemente que a diferença não só em relação à linguagem utilizada na composição dos textos, mas também, na constituição dos discursos sobre livros veiculados pelo jornal, deve-se, certamente, ao público a que se destinam esses textos. Desse modo, considerando as noções de *ethos* e *pathos*, pretendemos apontar a construção de imagens de leitores na constituição das imagens dos cadernos analisados, bem como justificar essa abordagem distinta da *Folha de S. Paulo* ao se tomar o objeto 'livro' como fonte de notícia.

Palavras-chave: cena da enunciação, *ethos*, jornal, livros, *pathos*.

ABSTRACT

This thesis has as its main purpose to present results of our master research, in which we tried to investigate the resources used when we have the object 'book' as news source. For this to happen, we've done, initially, a survey about the news subjects presented by the newspaper *Folha de S. Paulo* between the months of March, 2008 and February, 2009, and published in its variety section – *Ilustrada*, and in its literary supplement – *Mais!*; although, we focused our analysis in the month of March, 2008, due to the fact that this sample comprehend the essential characteristics of these news stories. About this *corpus*, and having as theoretical reference concepts about discourse and enunciation proposed by the French Discourse Analysis line, we elaborate our study by the analysis categories developed by Dominique Maingueneau. Like this, we faced a diversity of texts, composed by characteristic discursive genres – notes, articles, news stories; but, some texts called up our attention because, even being published as news stories, they seemed to be literary texts, due to the space in which they are published and, certainly, because of the public to whom they were designated. To Maingueneau, is “in the literary forms is that it has to be manifested the thought that literature produces”; besides that, we can conceive that the discourses represent the world and, as well, its enunciations are incorporate parts of this represented world. Then our association between this conception and the enunciation category scene, once every discourse intends to convince the enunciation scene that it legitimates, being this responsible by the linguistic organization between the text and the discourse as a speech institution and instauration of a verbal event in the world, once that a text is not an agglomerate of inertial signs, but a trace left by a discourse in which the speech is played. So, we are going to use the *ethos* and *pathos* concepts, because, even if we had two sections of the same newspaper, these newspapers are not thought as having as a public, as readers, distinct subjects. In this sense, we strongly believe that the difference is not just related to the language used in the composition of texts, but also, in the constitution of the discourses about books that are published in the newspaper, it is, certainly, related to the public, whose these texts are aim to. In this way, considering the notions of *ethos* and *pathos*, we will point the construction of reader's images in the constitution of images of the analyzed sections, as well as justify this distinct approach of the newspaper *Folha de S. Paulo* by taken the object 'book' as news source.

Keywords: enunciation scene, *ethos*, newspaper, books, *pathos*.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO: SOBRE HOMENS E LIVROS.....	8
2	DA ORDEM DOS LIVROS À ORDEM DO DISCURSO.....	10
3	PRINCÍPIOS E PROCEDIMENTOS DE UMA ANÁLISE DISCURSIVA: AS CENAS DE ENUNCIÇÃO E A CONSTRUÇÃO DE IMAGENS PELO DISCURSO – O ETHOS E O PATHOS	16
3.1	CONSTITUIÇÃO DA ANÁLISE DO DISCURSO COMO SABER: UM BREVE PANORAMA	16
3.2	PRINCÍPIOS E PROCEDIMENTOS DE UMA ANÁLISE DISCURSIVA: AS CENAS DE ENUNCIÇÃO	20
3.3	A CONSTRUÇÃO DE IMAGENS NO/PELO DISCURSO: AS CATEGORIAS DE ETHOS E PATHOS	22
4	ILUSTRANDO: O 'LIVRO' EM <i>VITRINE</i> E O QUE <i>MAIS!</i> ?	28
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	44
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	46
	ANEXOS	48

1 INTRODUÇÃO: SOBRE HOMENS E LIVROS

É bastante comum nos depararmos com a afirmação de que no Brasil não se lê. Ou quando lemos, lemos pouco. Entretanto, a qual tipo de leitura se faz referência com uma declaração como essa? Leitura de livros? Revistas? Jornais? Considerando as dimensões territoriais do espaço brasileiro e, inclusive, o número da população que ocupa esse mesmo território, seria interessante observar o fenômeno da leitura não apenas como a leitura de livros, sobretudo aqueles tidos como “bons livros”, acomodados nas estantes em que haveria a predominância de obras de uma “literatura de qualidade”, mas sim a leitura de todo e qualquer material que veicule o escrito.

Nesse sentido, é possível observar que a mídia de uma forma geral, aponta como leitura exclusivamente a leitura de livros de literatura, sendo um bom leitor, portanto, o indivíduo que se aproprie dos textos dos grandes autores, das obras de referência, ou seja, dos cânones literários¹.

Assim, motivados por esse breve panorama, passamos a observar os textos veiculados no período compreendido entre os meses de março de 2008 e fevereiro de 2009 pelo jornal impresso de maior circulação no Brasil, a *Folha de S. Paulo*, através de matérias acerca de toda e qualquer referência aos livros, publicadas principalmente em seu caderno de variedades, *Ilustrada*, e em seu suplemento literário, à época intitulado *Mais!*.

Considerando esses aspectos, procuramos compreender, através da leitura de alguns trabalhos do historiador Roger Chartier, a magia em torno do objeto “livro”, magia essa capaz de formular e determinar o que o autor denominou como sendo a “ordem dos livros”; ordem essa responsável por toda uma cadeia de produção,

¹ Tais afirmações partiram de leituras e discussões desenvolvidas durante minha atuação em dois projetos de pesquisa de iniciação científica coordenados pelo Prof. Dr. Gilberto de Castro, do Departamento de Teoria e Prática de Ensino, Setor de Educação da Universidade Federal do Paraná (UFPR), sendo nosso objetivo maior a busca e análise de fontes que identificassem o discurso da mídia de que toda vez que se fala em leitura, em livro ou em leitor, se fala em quantidade de livros lidos e na construção de um hábito de leitura de livros de literatura, principalmente dos clássicos. Nossa pesquisa, desenvolvida durante dois anos, abrangeu em um primeiro momento trinta anos de mídia escrita (1970-2000), contemplados pela revista *Veja* e pelos jornais *Folha de S. Paulo* e *Gazeta do Povo*. Na etapa seguinte, nosso material de análise foi toda e qualquer referência sobre o tema nas revistas *Veja*, *Isto É* e *Época*, porém em um período mais breve, entre os anos 2000 e 2005.

circulação e, sobretudo, recepção de material escrito organizado sob a forma de livros, conforme buscamos apresentar no primeiro capítulo desta dissertação.

Ainda tendo como referencial teórico os textos de Chartier, foi possível constatar que o autor menciona uma relação entre a ordem dos livros e uma certa ordem do discurso. Assim, procuramos entrelaçar os aspectos concernentes à ordem dos livros e à ordem do discurso sobre os livros. Para tanto, no segundo capítulo, vamos apresentar um breve histórico da constituição da Análise do Discurso de linha francesa (AD) como campo do saber, afinal, partindo de alguns de seus pressupostos é que definiremos os procedimentos que conduzirão a análise dos nossos dados. Neste capítulo, subdividido em três seções, apresentaremos na primeira delas, conforme mencionamos acima, um rápido panorama da AD, configurado, basicamente, a partir de trabalhos de pesquisadores como Dominique Maingueneau e Sírio Possenti.

Nas segunda e terceira seções, apresentaremos os princípios e os procedimentos que nos servirão de ferramentas para efetivar nossa análise propriamente: as categorias de *cenar de enunciação*, formuladas por Maingueneau, e também, as noções de *ethos* e *pathos discursivo*, noções que o autor retomou da retórica clássica e trouxe para os domínios da Análise do Discurso propondo, portanto, um novo redimensionamento para tais conceitos.

Já no terceiro capítulo, caracterizaremos nosso material de análise, procurando associá-lo às categorias formuladas por Maingueneau no sentido de buscar confrontar os textos veiculados pelos cadernos do jornal selecionado, segundo as categorias analíticas invocadas. Passemos então às nossas considerações.

2 DA ORDEM DOS LIVROS À ORDEM DO DISCURSO

Desde a Antiguidade até os dias atuais, é consensual que o objeto 'livro' sempre chamou muita atenção para si, pois quem possui um livro geralmente sabe ler e, em nossa sociedade, saber ler representa um determinado poder, poder este simbolizado pela primazia do livro como suporte da voz da razão e do saber, ou seja, como um demarcador do mundo da cultura e da erudição. Assim, poderíamos refletir tendo em vista o sistema dos livros como a expressão de uma vontade de verdade, definida nas palavras de Michel Foucault como sendo, possivelmente, o “modo como o saber é aplicado em uma sociedade, como é valorizado, distribuído, repartido e de certo modo atribuído” (2004, p. 17).

Segundo Roger Chartier, ao longo do tempo esse poder foi se transformando, sendo constatado historicamente, por exemplo, que o livro surgia com frequência em pinturas e, mais tarde, em fotografias oficiais de presidentes da República, como objeto que denotava prestígio, afinal “o livro indicava autoridade, uma autoridade que decorria, até na esfera política, do saber que ele carregava. [...] Pela representação do livro, o poder funda-se sobre uma referência ao saber” (CHARTIER, 1999, p. 84).

Além disso, Chartier enfatiza também que o que proporciona alguma diferença entre as pessoas e os seus hábitos de leitura não é mais a posse do livro propriamente dito, ou o fato de se poder lê-lo, mas sim o seu teor, as maneiras de se ler, os lugares onde se lê, já que para nos atermos a essas concepções, é preciso ter em vista que “a forma do objeto escrito dirige sempre o sentido que os leitores podem dar àquilo que lêem” (CHARTIER, 1999, p. 128). O autor faz ainda uma reflexão a propósito da universalidade desse procedimento e questiona:

“ler, leitura, essas palavras armam ciladas. Existe algo mais universal? Há leitores em Roma, na Mesopotâmia, no século XX. É uma invariante, sempre se leu ou nunca se leu o suficiente, isto depende do ponto de vista. [...] Há esta multiplicidade de modelos, de práticas, de competências, portanto há uma tensão. Mas ela não cria dispersão ao infinito, na medida em que as experiências individuais são sempre inscritas no interior de modelos e de normas compartilhadas. Cada leitor, para cada uma de suas leituras, em cada circunstância, é singular. Mas esta singularidade é ela própria atravessada por aquilo que faz que este leitor seja semelhante a todos aqueles que pertencem à mesma comunidade. O que muda é que o recorte dessas comunidades, segundo os períodos, não é

regido pelos mesmos princípios. Na época das reformas religiosas, a diversidade das comunidades de leitores é em ampla medida organizada a partir da pertinência confessional. No mundo do século XIX ou XX, a fragmentação resulta das divisões entre as classes, dos processos diferentes de aprendizagem, das escolaridades mais ou menos longas, do domínio mais ou menos seguro da escrita” (CHARTIER, 1999, p. 91-92).

O historiador Robert Darnton, no entanto, ao abordar aspectos acerca da história da leitura, observa que “a leitura e a vida, a elaboração de textos e a compreensão da vida, estavam muito mais intimamente relacionados no início do período moderno do que estão hoje” (1992, p. 202). Para esse pesquisador,

“homens e mulheres leram para salvar suas almas, para melhorar seu comportamento, para consertar suas máquinas, para seduzir seus enamorados, para tomar conhecimento dos acontecimentos do seu tempo, e ainda simplesmente para se divertir” (p. 212).

Segundo Darnton, “a leitura não é simplesmente uma habilidade, mas uma maneira de estabelecer significado, que deve variar de cultura para cultura” (p. 218). Sendo assim, essa perspectiva se assemelha à concepção de Chartier, conforme podemos verificar na seguinte passagem deste autor:

“a leitura é sempre apropriação, invenção, produção de significados. [...] Apreendido pela leitura, o texto não tem de modo algum – ou ao menos totalmente – o sentido que lhe atribui seu autor, seu editor ou seus comentadores. Toda história da leitura supõe, em seu princípio, esta liberdade do leitor que desloca e subverte aquilo que o livro pretende lhe impor. Mas esta liberdade leitora não é jamais absoluta. Ela é cercada por limitações derivadas das capacidades, convenções e hábitos que caracterizam, em suas diferenças, as práticas de leitura. Os gestos mudam segundo os tempos e lugares, os objetos lidos e as razões de ler. Novas atitudes são inventadas, outras se extinguem. Do rolo antigo ao códex medieval, do livro impresso ao texto eletrônico, várias rupturas maiores dividem a longa história das maneiras de ler. Elas colocam em jogo a relação entre o corpo e o livro, os possíveis usos da escrita e as categorias intelectuais que asseguram sua compreensão” (CHARTIER, 1999, p. 77).

Podemos então passar a conceber o “fenômeno” da leitura como um fenômeno de discurso, como um evento discursivo, pois, considerando as palavras de Chartier no trecho apresentado acima, é possível pensar a prática da leitura como “apropriação, invenção, produção de significados”.

É nesse sentido, portanto, que visualizamos a leitura como efeito de discurso e, mais que isso: uma vez que tais práticas podem estar inscritas no interior de modelos e de formas já compartilhadas, já disseminadas entre os indivíduos de um dado grupo, de um dado universo, é este o fator que nos indica sua recorrência, sua regularidade, configurando-se assim como prática discursiva.

Tendo em vista esses aspectos, Chartier nos aponta três grandes discursos sobre a leitura, que a circunscrevem ou a recomendam: o da Escola, o da Igreja e o da Biblioteca.

No entanto, tais discursos de autoridade desagregaram-se, talvez porque o mundo social tenha se distanciado das instituições que os enunciam. Dessa forma, seja por sua complexidade ou sua imprevisibilidade, seja pelos caminhos frequentemente encobertos que tomam, as práticas de leitura emanciparam-se frente às ordens e às normas. Para Foucault, “sabe-se bem que não se tem o direito de dizer tudo, que não se pode falar de tudo em qualquer circunstância, que qualquer um, enfim, não pode falar de qualquer coisa” (2004, p. 9). Além disso, este autor aponta que

“a verdade a mais elevada já não residia mais no que *era* o discurso, ou no que ele *fazia*, mas residia no que ele *dizia*: chegou um dia em que a verdade se deslocou do ato ritualizado, eficaz e justo, de enunciação, para o próprio enunciado: para seu sentido, sua forma, seu objeto, sua relação a sua referência” (FOUCAULT, 2004, p. 15).

Nesse sentido, podemos inferir a constituição de uma possível ordenação do discurso a partir da ordem apresentada pelos livros, uma vez que esta supõe toda uma cadeia em que estariam envolvidos elementos acerca da produção, da distribuição, da comunicação e, sobretudo, da recepção e do acesso ao mundo dos livros, sendo relevante, portanto, uma análise não só dos mecanismos que tocam a leitura, mas também um estudo a propósito do universo que a envolve e faz com que se desenvolva em suas diversas formas.

Em outras palavras, para Chartier

“o livro sempre visou instaurar uma ordem; fosse a ordem de sua decifração, a ordem no interior da qual ele deve ser compreendido ou, ainda, a ordem desejada pela autoridade que o encomendou ou permitiu a sua publicação. Todavia, essa ordem de múltiplas

fisionomias não obteve a onipotência de anular a liberdade dos leitores. Mesmo limitada pelas competências e convenções, essa liberdade sabe como se desviar e reformular as significações que a reduziram. Essa dialética entre a imposição e a apropriação, entre os limites transgredidos e as liberdades refreadas não é a mesma em toda parte, sempre e para todos. Reconhecer as suas modalidades diversas e variações múltiplas é o objeto primeiro de um projeto de leitura empenhado em capturar, nas suas diferenças, as identidades entre os leitores e sua arte de ler” (1994, p. 8).

Dessa forma, para o autor, ainda que estejamos inscritos em uma certa ordem imposta pelos livros, essa ordem não é, não será absoluta, isso porque temos que ter em vista o universo que envolve o leitor, já que aquele não é único, não é sempre o mesmo, uma vez que este estará condicionado a uma determinada época, situado em uma posição específica do tempo e do espaço, afinal, para Foucault,

“em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade” (2004, p. 8-9).

Assim, buscando percorrer o caminho que Chartier aponta como a ordem dos livros, é preciso lembrar que esta expressão – *a ordem dos livros*, possui também uma outra possibilidade de percepção, já que “nenhuma ordem dos discursos é, de fato, apartável da ordem dos livros que lhe é contemporânea” (1994, p. 106).

Ainda considerando as reflexões de Chartier,

“manuscritos ou impressos, os livros são objetos cujas formas comandam, se não a imposição de um sentido ao texto que carregam, ao menos os usos de que podem ser investidos e as apropriações às quais são suscetíveis. As obras, os discursos, só existem quando se tornam realidades físicas, inscritas sobre as páginas de um livro, transmitidas por uma voz que lê ou narra, declamadas num palco de teatro. Compreender os princípios que governam a ‘ordem do discurso’ pressupõe decifrar, com todo o rigor, aqueles outros que fundamentam os processos de produção, de comunicação e de recepção dos livros (e de outros objetos que veiculem o escrito). Mais do que nunca, historiadores de obras literárias e historiadores das práticas e partilhas culturais têm consciência dos efeitos produzidos pelas formas materiais. No caso do livro, elas constituem uma ordem singular, totalmente distinta de outros registros de transmissão tanto de obras canônicas quanto de textos vulgares. Daí, então, a atenção dispensada, mesmo que

discreta, aos dispositivos técnicos, visuais e físicos que organizam a leitura do escrito quando ele se torna um livro” (CHARTIER, 1994, p. 8).

Tendo em vista esse breve cenário e estabelecendo uma relação por meio de uma dada abordagem de como a mídia e, em especial, como os veículos impressos de comunicação pensam e vislumbram o livro, é possível afirmar que lhe é dado um tratamento “especial”, seja no jornal, seja na revista, pois na grande maioria dos enunciados em que o ‘livro’ é referenciado, lhe é atribuído um caráter de entidade, de objeto sagrado.

A pesquisadora Isabel Travancas, em *O Livro no jornal*, nos mostra as ligações entre esses objetos tão distintos e ao mesmo tempo tão próximos: o livro e o jornal. A autora aponta uma reflexão sobre a forma como o jornal se refere ao livro, ou seja, como um produto de uma sociedade de massa, um centro de notícia. Para realizar tal reflexão, faz uma comparação entre quatro suplementos literários - *Idéias (Jornal do Brasil)*, *Mais! (Folha de S. Paulo)*, *Les Livres (Libération)* e *Le Monde des Livres (Le Monde)* - do Brasil e da França, países formados por sociedades modernas, capitalistas, com uma indústria cultural dinâmica e em que o livro possui grande valor simbólico. A autora afirma que

“os cadernos de livros dos quatro jornais podem ser vistos como uma categoria de apreensão da realidade. Como tal valorizam alguns aspectos do vasto universo dos livros, dos quais são incentivadores e defensores. Um dos primeiros dados percebidos ao longo dessa análise é o lugar de destaque da literatura em geral e, nela, o romance é o gênero predileto (2001, p. 61). [...] Assim, os suplementos se tornam, por um lado, o lugar privilegiado de expressão do livro, - atingindo um público específico e segmentado, um público considerado leitor em potencial dos livros ou ‘já leitor’ -, e por outro o instrumento de transmissão de uma noção particular da literatura e do livro de um modo geral” (2001, p. 27).

Ela também observa que

“ainda que pareça óbvio, o fato de o jornal defender o livro, lutar pela sua existência e incentivar a leitura como ponto fundamental de crescimento de um país, é por estar próximo a ele, já que ambos são fruto da escrita, importante aquisição humana. [...] O livro é um objeto a ser ‘protegido’ e incentivado (2001, p. 66).

Assim, pretendemos apresentar uma reflexão a partir da problemática

proposta e debatida nos domínios dos estudos da Análise do Discurso de linha francesa, AD, tomando como referência textos publicados pelo jornal *Folha de S. Paulo* em seu caderno de variedades, *Ilustrada*, e em seu suplemento literário, *Mais!*, em que o objeto 'livro' é tomado como fonte de notícia. Os textos considerados aqui para análise foram veiculados no mês de março de 2008. Esses textos foram coletados utilizando-se a Internet, acessados no *site* do jornal e salvos em meio digital no formato *Word*. Inicialmente, consideramos fazer uma seleção aleatória de matérias ao longo de um ano, contado entre os meses de março de 2008 e fevereiro de 2009 (material guardado em arquivo). No entanto, essa estratégia não se fez necessária, já que as matérias se repetem em gênero e em teor, uma vez que a amostragem do primeiro mês se mostrou suficiente.

Para realizar a análise, vamos utilizar como referencial teórico conceitos debatidos por Dominique Maingueneau, a saber, aqueles relacionados às *cenar de enunciação*. Procuraremos configurar nossos procedimentos de análise no intuito de perceber a construção de imagens de leitores tomando como base o discurso sobre o livro em matérias da *Folha* e projetando uma imagem de "leitor ideal" para cada tipo de caderno, supondo-se, neste momento ainda impressionisticamente, que o leitor do caderno *Ilustrada*, e o do suplemento *Mais!*, sejam, possivelmente, distintos. Essa percepção apriorística nos conduz a pensar tal distinção a partir dos conceitos de *ethos* e *pathos*, representados, respectivamente, como a imagem do enunciador e a imagem do enunciatário, ambas determinadas pelo discurso.

Nossa investigação buscará, através da análise dos textos veiculados em cada caderno, verificar se há diferença de *ethos* discursivo em cada um deles e, em havendo, a que essa diferença se deve. Por outro lado, se não houver distinção de *ethos* discursivo em ambos os cadernos, buscaremos verificar se essa similaridade corresponde à do *ethos* do veículo de comunicação que lhes dá suporte, a saber, a *Folha*.

Passemos, então, ao próximo capítulo, em que apresentaremos as noções teóricas que irão fundamentar nossa análise.

3 PRINCÍPIOS E PROCEDIMENTOS DE UMA ANÁLISE DISCURSIVA: AS CENAS DE ENUNCIÇÃO E A CONSTRUÇÃO DE IMAGENS PELO DISCURSO – O ETHOS E O PATHOS

Para a concretização deste trabalho, vamos elaborar nossa análise a partir de conceitos acerca de questões sobre discurso e enunciado propostas e debatidas nos domínios dos estudos da Análise do Discurso de linha francesa (AD). Para tanto, acionaremos conceitos de base teórica da AD de uma maneira geral, no sentido de estabelecer um certo “percurso histórico”, vislumbrando, então, um breve panorama.

Assim, considerando como referencial teórico categorias de análise elaboradas por Dominique Maingueneau, especialmente aquelas ligadas às *cenas de enunciação*, utilizaremos tais procedimentos no intuito de perceber a construção de imagens de leitores tomando como base o discurso sobre o livro em matérias publicadas pelo jornal *Folha de S. Paulo*, conforme já explicitado no primeiro capítulo desta dissertação. Nossa proposta é a de caracterizar o discurso dos cadernos – *Mais!* e *Ilustrada*, aqui sob análise, levando-se em conta principalmente os conceitos de *ethos* e *pathos*, ambos determinados pelo discurso. Passemos então ao referencial teórico.

3.1 CONSTITUIÇÃO DA ANÁLISE DO DISCURSO COMO SABER: UM BREVE PANORAMA

A Análise do Discurso surgiu como campo do saber constituindo-se como uma possibilidade de entender o fenômeno linguístico para além da estrutura gramatical, dando início à reflexão dos estudos linguísticos que abrangessem, dentro das análises a propósito da língua, o sujeito, inserido na história e portador de subjetividade. Dessa forma, essa perspectiva buscava entrelaçar, então, língua – ideologia – história, reconhecendo o indivíduo inscrito no tempo e no espaço. Esse novo campo vai elaborar um novo objeto de análise: o discurso, objeto que resulta da articulação entre o linguístico e o histórico, que nos apresentará um lugar possível de debates teórico-metodológicos, a partir de uma abordagem organizada

sobre um “tripé”, em que seriam convocados conceitos de uma teoria linguística, de uma teoria da história e de uma teoria do sujeito, especialmente aquela focalizada pela psicanálise.

Nas palavras de Maingueneau,

“a ‘Escola francesa de análise do discurso’, muito influenciada pelo marxismo de Althusser e pela psicanálise de Lacan, quebrava a continuidade dos textos para estabelecer conexões invisíveis e revelar assim o trabalho de uma espécie de inconsciente textual. Este procedimento da análise do discurso acreditava produzir uma ‘ruptura epistemológica’, contribuindo para construir uma verdadeira ciência da ideologia, fundada simultaneamente sobre a lingüística estrutural, sobre o marxismo e sobre a psicanálise” (2006a, p. 26).

Assim, a AD se constituiu como uma possível releitura, como uma reinterpretação das questões que tocam o discurso a partir das teses marxistas, segundo as quais, o modo de produção da vida material domina o desenvolvimento social, político e intelectual de uma sociedade na qual a economia se configuraria como fator preponderante de formações sociais, determinando relações de dominância e de dominação. Se refletirmos dessa forma, podemos considerar, então, que formações econômicas regem formações sociais; estas, por sua vez, projetam formações ideológicas que influenciarão as formações discursivas, responsáveis por nos mostrar o que pode e deve ser dito a partir de uma dada posição, em uma dada conjuntura.

Nas palavras de Foucault,

“no caso em que se pudesse descrever, entre um certo número de enunciados, semelhante sistema de dispersão, no caso em que entre os objetos, os tipos de enunciação, os conceitos, as escolhas temáticas, se poderia definir uma regularidade (uma ordem, correlações, posições e funcionamentos, transformações), dir-se-á, por convenção, que se trata de uma *formação discursiva* – evitando, assim, palavras demasiado carregadas de condições e conseqüências, inadequadas, aliás, para designar semelhante dispersão, como ‘ciência’, ou ‘ideologia’, ou ‘teoria’, ou ‘domínio de objetividade’. Chamar-se-á *regras de formação* às condições a que estão submetidos os elementos dessa repartição (objetos, modalidade de enunciação, conceitos, escolhas temáticas). As regras de formação são condições de existência (mas também de coexistência, de manutenção, de modificação e de desaparecimento) em uma repartição discursiva dada” (1972, p. 51-52).

Desse modo, temos que ter em vista que as palavras mudam de sentido quando são transpostas de uma formação discursiva à outra. Por essa razão, devem ser consideradas frente às suas condições de produção, uma vez que o discurso se constitui como uma prática que tem origem na formação dos saberes e que se articula com outras práticas caracterizadas como não-discursivas, culminando em um espaço em que saber e poder se condensam, o que produz conjuntos de enunciados na descontinuidade da história, regulados pelas condições de produção. Segundo Possenti,

“o sentido é da ordem das formações discursivas (FD), que, por sua vez, materializam formações ideológicas, que, por sua vez, são da ordem da história. Assim, entre outras coisas, a gramática pode ser a mesma (de fato, é a mesma) para diversos enunciadores, mas o sentido do que eles dizem pode não sê-lo, porque esse decorre de fatores que não são da ordem da língua. A mesma palavra ou o mesmo enunciado podem ter sentidos diferentes, se pertencerem a formações discursivas diferentes, sem que essa polissemia se resolva em teorias sobre a ambigüidade, tal como as conhecemos através da sintaxe ou da semântica” (2005, p. 360-361).

Ou seja, segundo o autor, a leitura de um texto não se dá enquanto leitura exclusiva do texto, mas sim do texto enquanto discurso. O que quer dizer, na medida em que esse discurso leva em consideração as suas condições de produção, especialmente as condições institucionais de produção, a saber, o enquadramento desse discurso segundo as filiações ideológicas a que pertence. O autor prossegue:

“Na verdade, a AD tenta fornecer um conjunto de fatores a partir dos quais o número de leituras possíveis se restringe: o pertencimento de um enunciado (ou palavra) a uma FD limita as interpretações possíveis do enunciado (e da palavra); o pertencimento de um enunciado (ou de uma palavra) a um gênero e não a outro configura-se, por sua vez, como um limite para sua interpretação; a relação entre um texto e um autor (e outros textos do mesmo autor e outros textos de determinado tipo) são outros fatores de restrição a uma suposta liberdade de interpretar ou a eventuais interpretações que o enunciado *poderia* receber, se considerados apenas sua forma estritamente lingüística e/ou seu contexto imediato” (POSSENTI, 2009, p. 13).

Possenti, ainda refletindo sobre o objeto da AD, ressalta que

“pode-se dizer que a AD é uma teoria da leitura, ou melhor, que ela

formula uma teoria da leitura que se institui rompendo fundamentalmente com a análise de conteúdo, por um lado, e com a filologia (e também com a hermenêutica), por outro. Seu rompimento com a lingüística tem essa conotação: é na medida em que a lingüística reivindica uma semântica como um de seus componentes que se pode dizer que a AD rompe com ela. [...] Em suma: a AD não aceita que palavras, expressões ou estruturas sintáticas pudessem ter sido uma garantia de sentido, que a lingüística histórica recuperaria. Nem que os autores de outros tempos pudessem ter dito tudo e só o que queriam, bastando conhecê-los e à sua época para decifrar o sentido de um texto” (2005, p. 358-359).

Diante dessas considerações, temos um novo cenário de estudos acerca da linguagem, em que novos conceitos deverão ser levados em conta quando se propuser uma análise a propósito da língua. Esta deverá ser não uma análise apenas de sua estrutura, mas, sobretudo, de sua relação com a história, de sua materialidade, de sua interação com o outro, de sua constituição de sentidos, especificamente no que diz respeito a práticas como a leitura ou a interpretação, uma vez que

“a AD fala da língua somente na medida em que as concepções da lingüística afetam o campo do sentido, na medida em que a lingüística propõe teorias semânticas que são da mesma natureza que a teoria gramatical, porque isso implicaria que, assim como a língua é a mesma para todas as ‘classes’, o sentido também teria que ser, podendo ser, em última instância, universal. Para a AD, como já foi dito, o sentido decorre das enunciações, atos que se dão no interior de FDs, que determinam o sentido do que se diz. A universalidade e a generalidade estão excluídas” (POSSENTI, 2005, p. 361).

Também reforçando essa perspectiva, Maingueneau afirma que

“é tão impossível tratar com alguma precisão da discursividade a partir de uma posição de exterioridade absoluta, capaz de totalizá-la sob o olhar, quanto refletir sobre um número limitado de discursos sem tratar, mesmo que indiretamente e com regras diversas, de todos os discursos [...] Para nós, desde que os *corpora* de referência ocupem uma posição estratégica e que a reflexão se desenvolva num plano de generalidade suficiente, devemos resignar-nos a falar de todos os discursos falando apenas de alguns, mas também a falar apenas de alguns pensando falar de todos” (2005c, p. 27-28).

O que as citações e reflexões aqui evocadas enfatizam é o fato de que a perspectiva teórica trazida pela AD circunscreve necessariamente o seu objeto no

eixo axiológico que ultrapassa os limites impostos por uma abordagem exclusivamente estrutural, exterior ao sujeito. Ao contrário, as reflexões dos autores apontam sempre para a imersão do sujeito nas coordenadas histórico-sociais e psicológicas. Nesse sentido, qualquer análise de discurso deverá levar em conta esses fatores.

3.2 PRINCÍPIOS E PROCEDIMENTOS DE UMA ANÁLISE DISCURSIVA: AS CENAS DE ENUNCIÇÃO

Considerando o breve cenário acima, passemos então aos princípios e procedimentos que nos ajudarão a refletir acerca de questões que envolvem os nossos dados, a saber, textos publicados pelo jornal *Folha de S. Paulo* em seu caderno de variedades, *Ilustrada*, e em seu suplemento literário, *Mais!*, em que o objeto 'livro' é tomado como fonte de notícia. Os textos considerados aqui para análise foram veiculados no mês de março de 2008. Para realizar esse trabalho, nos faremos valer de conceitos elaborados a partir da perspectiva adotada e desenvolvida por Dominique Maingueneau, estudioso notadamente reconhecido ao propor debates e reflexões nos domínios dos estudos do discurso na contemporaneidade, lembrando que, nessa perspectiva teórica, os dados definirão a abordagem a ser utilizada, não sendo esta uma escolha exclusiva do analista.

Em outras palavras, Maingueneau define que,

“na verdade, a enunciação se manifesta como dispositivo de legitimação do espaço de sua própria enunciação, a articulação de um texto e uma maneira de se inscrever no universo social. Recusamo-nos, assim, a dissociar, na constituição discursiva, as operações enunciativas pelas quais se institui o discurso, que constrói, assim, a legitimidade de seu posicionamento, e o modo da organização institucional que o discurso ao mesmo tempo pressupõe e estrutura” (2006a, p. 36).

O autor, ainda, aponta que

“‘vulgarizam-se’, por exemplo, os enunciados científicos, e não os enunciados literários. Para o comentário desses últimos existe um conflito permanente entre duas instâncias de legitimação: os sábios, legitimados pela Escola, e os amadores, que reivindicam para si

uma relação privilegiada, pessoal com os textos” (2006a, p. 46).

Além disso, Maingueneau afirma que é através das formas literárias que se manifesta o pensamento que a literatura produz, lembrando que a literatura não condiciona apenas um discurso sobre o mundo, mas produz, inclusive, sua própria presença nesse mundo, no sentido em que

“a obra, por meio do mundo que configura em seu texto, reflete, legitimando-as, as condições de sua própria atividade enunciativa. Vem daí o papel crucial que deve desempenhar a ‘cena de enunciação’ que não é redutível nem ao texto nem a uma situação de comunicação do exterior que se possa descrever. A instituição discursiva é o movimento pelo qual passam de uma para a outra, a fim de se alicerçar mutuamente, a obra e suas condições de enunciação. Esse alicerçar recíproco constitui o motor da atividade literária” (2006b, p. 54).

Assim, “não se pode, então, opor a cena de enunciação e o enunciado como a ‘forma’ e o ‘conteúdo’: a cena de enunciação é uma dimensão essencial do ‘conteúdo’” (MAINGUENEAU, 2006a, p. 48). E, além disso, “as condições do *dizer* permeiam aí o *dito*, e o *dito* remete a suas próprias condições de enunciação” (MAINGUENEAU, 2006b, p. 43). O que distingue cabalmente, então, o discurso literário dos demais tipos de discursos, uma vez que aquele não é exterior ao seu processo de constituição discursiva.

Para caracterizar essa diversidade dos discursos, o autor lança mão de três concepções de cenas de enunciação, a saber: a cena englobante, a cena genérica e a cenografia.

A *cena englobante* corresponde ao **tipo** de discurso, entendido como cenário mais amplo, em que teríamos os discursos: religioso, político, publicitário, científico, literário, etc. É essa cena que permite nos situarmos para interpretar um texto, e é também responsável por definir a situação dos parceiros e de um determinado quadro espaço-temporal.

Já a *cena genérica* está relacionada ao **gênero** de discurso, em que cada gênero define seus próprios papéis. Conforme exemplos mostrados pelo autor, em um panfleto de campanha eleitoral o papel definido, quase que impositivamente, é de um candidato dirigindo-se a eleitores; ou em uma sala de aula, trata-se de um professor dirigindo-se a alunos.

Essas duas cenas, segundo o autor, irão nos conduzir à *cenografia*, responsável por definir o espaço no interior do qual o enunciado adquire sentido, espaço esse determinado pelo tipo e pelo gênero de discurso. Nesse sentido, a cenografia é uma constituição discursiva e não extradiscursiva.

“Todo discurso, por sua manifestação mesma, pretende convencer instituindo a cena de enunciação que o legitima. [...] Com efeito, tomar a palavra significa, em graus variados, assumir um risco; a cenografia não é simplesmente um quadro, um cenário, como se o discurso aparecesse inesperadamente no interior de um espaço já construído e independente dele: é a enunciação que, ao se desenvolver, esforça-se para construir progressivamente o seu próprio dispositivo de fala. [...] Desse modo, a cenografia é ao mesmo tempo a fonte do discurso e aquilo que ele engendra; ela legitima um enunciado que, por sua vez, deve legitimá-la, estabelecendo que essa cenografia onde nasce a fala é precisamente a cenografia exigida para enunciar como convém, segundo o caso, a política, a filosofia, a ciência” (MAINGUENEAU, 2005a, p. 87-88).

Ainda, para Dominique Maingueneau (2005a), é a cena enunciativa,

“com efeito, que desempenha o papel de pivô entre a organização lingüística do texto e o discurso como instituição de fala e instauração de um evento verbal no mundo” (p. 229), afinal, para o autor, “um texto não é um conjunto de signos inertes, mas o rastro deixado por um discurso em que a fala é encenada” (p. 85).

A caracterização dos discursos a partir da sua configuração em diferentes cenas de enunciação, tal como proposta por Maingueneau, mostra-se bastante apropriada para o tratamento dos dados que pretendemos focalizar. Por essa razão, no próximo capítulo, destinado à análise desse material discursivo, buscaremos associá-lo aos conceitos acima apresentados para, assim, compreendê-lo. Além disso, nos faremos valer ainda de outras duas noções que nos ajudarão a empreender a análise desejada, a saber: as categorias de *ethos* e *pathos*, que apresentaremos a seguir.

3.3 A CONSTRUÇÃO DE IMAGENS NO/PELO DISCURSO: AS CATEGORIAS DE ETHOS E PATHOS

Ainda que a noção em torno do conceito de *ethos* seja, comumente,

entendida como aquela proposta pela retórica aristotélica, revitalizada pela moderna retórica argumentativa, atualmente temos observado um novo domínio de configuração deste termo dentro do campo da Análise do Discurso. Essa “apropriação” se deu, entre outras vertentes, através de estudos e análises de Dominique Maingueneau. Para esse estudioso, ao se inserir a categoria do ethos no quadro da AD, essa configuração se dá por esta noção estar essencialmente ligada à enunciação:

“assim, fui levado a trabalhar a noção de ethos em direções que ultrapassam bastante o quadro da argumentação: em particular, estudando sua incidência em textos escritos e em textos que não apresentam nenhuma seqüencialidade de tipo argumentativo, [...] e que também não se inscrevem necessariamente em situações de argumentação. Além da persuasão por argumentos, a noção de ethos permite, de fato, refletir sobre o processo mais geral da adesão de sujeitos a uma certa posição discursiva” (2005b, p. 69).

Tendo isso em vista, podemos inferir que, em dadas circunstâncias, o público tem como estratégia a possibilidade de construir representações do ethos do enunciador antes mesmo que este enuncie, ou seja, “o ethos se mostra, ele não é dito” (MAINGUENEAU, 2005b, p. 71). Isso vai nos ajudar a entender a distinção entre o ethos discursivo e o ethos pré-discursivo, em que o primeiro corresponderia em grande parte à definição aristotélica, presente na Retórica, em que não se pode presumir que o co-enunciador disponha de representações anteriores do ethos do enunciador; diferentemente do que ocorre com o ethos pré-discursivo ou ethos prévio, em que é possível estabelecer a construção da imagem do locutor através do seu discurso, sendo esta imagem prévia, portanto, extradiscursiva.

A concepção do conceito de ethos, em Maingueneau, aponta para uma certa reflexividade enunciativa, e ainda, para uma relação entre materialidade e discurso, entre o corpo e o discurso que ela implica, ou seja, essa reflexividade pode se manifestar como “voz” e também como “corpo enunciante”, inscrito em uma dada situação, pressuposta e validada. “Em termos mais pragmáticos, dir-se-ia que o ethos se desdobra no registro do ‘mostrado’ e, eventualmente, no do ‘dito’. Sua eficácia decorre do fato de que envolve de alguma forma a enunciação sem ser explicitado no enunciado” (MAINGUENEAU, 2005b, p. 70).

O ethos de um discurso pode ser o produto de diversos fatores: ethos pré-

discursivo, ethos discursivo (ethos mostrado), mas também dos fragmentos do texto nos quais o enunciador evoca sua própria enunciação (ethos dito), direta ou indiretamente. A distinção entre ethos dito e ethos mostrado se situa em uma linha bastante tênue, uma vez que é impossível definir, pela enunciação, uma fronteira nítida entre o “dito” e o “mostrado”.

Frente a esse quadro teórico, em uma situação discursiva nos deparamos com diferentes instâncias relacionadas ao “posicionamento discursivo”, já que as ideias apresentam-se por meio de uma maneira de dizer, que nos remete ainda, a uma maneira de ser. Tais instâncias constituem-se como: tom, vocalidade, corporalidade, fiador, que buscam conduzir o co-enunciador à adesão ao ethos do enunciador, uma projeção construída através do discurso.

Segundo Maingueneau, é possível perceber que qualquer discurso possui uma vocalidade, que está relacionada à “origem”, que também nos permite reconhecer o tom de quem o profere. A determinação dessa vocalidade indica a presença do corpo do enunciador, determinando uma origem enunciativa em que se percebe uma instância subjetiva que pode exercer o papel de fiador.

“O ‘fiador’, cuja figura o leitor deve construir com base em indícios textuais de diversas ordens, vê-se, assim, investido de um caráter e de uma corporalidade, cujo grau de precisão varia conforme os textos. [...] Caráter e corporalidade do fiador apóiam-se, então, sobre um conjunto difuso de representações sociais valorizadas ou desvalorizadas, de estereótipos sobre os quais a enunciação se apóia e, por sua vez, contribui para reforçar ou transformar” (MAINGUENEAU, 2005b, p. 72).

O ethos, para a Retórica, se configura como um meio de persuasão, diferentemente do que se pode constatar em Análise do Discurso, em que ele é concebido como parte constitutiva da cena de enunciação, uma instauração progressiva de seu próprio dispositivo de fala, entendido como quadro e processo.

“O poder de persuasão de um discurso decorre em boa medida do fato de que leva o leitor a identificar-se com a movimentação de um corpo investido de valores historicamente especificados. A qualidade do ethos remete, com efeito, à figura desse ‘fiador’ que, mediante sua fala, se dá uma identidade compatível com o mundo que se supõe que ele faz surgir em seu enunciado. Paradoxo constitutivo: é por seu próprio enunciado que o fiador deve legitimar sua maneira de dizer [...] Somos, assim, obrigados a nos afastar de uma concepção do discurso que se revela por noções como

‘procedimento’ ou ‘estratégia’ e para a qual os conteúdos seriam independentes da cena de enunciação que eles assumem. O discurso não resulta da associação contingente entre um ‘fundo’ e uma ‘forma’; é um acontecimento inscrito em uma configuração sócio-histórica e não se pode dissociar a organização de seus conteúdos e o modo de legitimação de sua cena discursiva” (MAINGUENEAU, 2005b, p. 73-74).

Para o autor, ainda, o enunciador não é considerado como um ponto de origem estável que se expressaria de uma determinada maneira ou de outra, mas é considerado uma instituição discursiva que pode estar inserida em uma certa configuração cultural, que implica papéis, lugares e momentos de enunciação legítimos.

Desse modo, ainda segundo o autor, a cenografia não pode se configurar plenamente se não puder controlar seu próprio desenvolvimento, assim como o ethos que dela participa, mantendo uma distância em relação a um co-enunciador, que não pode agir imediatamente sobre o discurso, em que a fala, desde a sua emergência, supõe uma certa cena de enunciação que, de fato, se valida progressivamente por essa mesma enunciação. São os conteúdos desenvolvidos pelo discurso que permitem especificar e validar a própria cena e o próprio ethos, pelos quais esses conteúdos surgem.

Assim, podemos recuperar a cenografia de um discurso por meio de marcas diversas, que estão amparadas no conhecimento dos gêneros do discurso. Em uma cenografia, como em qualquer outra situação de comunicação, a figura do enunciador, do fiador, está associada a uma cronografia (um momento) e a uma topografia (um lugar), de onde, possivelmente, o discurso pode surgir.

Diante de todo esse “cenário”, não é pertinente reduzirmos uma dada “subjetividade enunciativa” a uma “consciência empírica”, controlada. Por seu caráter único do modo de se instaurar, o discurso mostra uma regulação de todo o sistema que o sustenta e do “espectador” que ele pretende ter. O conceito de ethos pode nos fazer supor que podemos nos posicionar, sem que estejamos envolvidos pelos discursos, contudo, o universo do discurso toma corpo ao colocar em cena um discurso que deve encarnar sua verdade por meio da enunciação, que não pode ser acontecimento e persuadir, a não ser que possa permitir uma incorporação (MAINGUENEAU, 2005b, p. 91).

A noção de incorporação em Maingueneau, portanto, corresponde à relação

que o *ethos* pode estabelecer entre o discurso e o seu destinatário. Em outras palavras, o destinatário é capaz de elaborar uma representação dinâmica do discurso, em que o enunciador estaria investido por uma corporalidade. Além disso, o destinatário incorpora, assimilando características desse fiador, sua maneira de habitar, de se mover no mundo, tornando-se não apenas um simples consumidor de ideias e informações, mas sim, participante da comunidade dos que aderem a esse discurso. Nas palavras de Maingueneau, o destinatário corrobora uma “maneira de ser por meio de uma maneira de dizer” (CHARAUDEAU & MAINGUENEAU, 2006, p. 272).

Numa linha muito próxima à das reflexões desenvolvidas por Maingueneau, Fiorin também discute e opera com a noção de *ethos* e afirma que:

“por conseguinte, o *éthos* explicita-se na enunciação enunciada, ou seja, nas marcas da enunciação deixadas no enunciado. [...] Trata-se de apreender um sujeito construído pelo discurso e não uma subjetividade que seria a fonte de onde emanaria o enunciado, de um psiquismo responsável pelo discurso. O *éthos* é uma imagem do autor, não é o autor real; é um autor discursivo, um autor implícito” (2008, p. 139).

Mais que isso, diz o autor, o *ethos*,

“ao contrário, é uma imagem concreta a que se destina o discurso. Por outro lado, é preciso considerar que o enunciatário não é um ser passivo, que apenas recebe as informações produzidas pelo enunciador, mas é um produtor do discurso, que constrói, interpreta, avalia, compartilha ou rejeita significações” (FIORIN, 2008, p. 154).

Nesse sentido, podemos, além do *ethos*, apreender também a imagem do enunciatário, o *pathos*, afinal aquele que fala constrói aquele que ouve e é, ao mesmo tempo, construído por ele; assim, o *ethos* e o *pathos* nos são dados no texto e pelo texto, conforme podemos verificar em Fiorin (2008):

“Por outro lado, o enunciatário adere ao discurso, porque nele se vê constituído como sujeito, identificando-se com um dado *éthos* do enunciador. A eficácia do discurso ocorre, quando o enunciatário incorpora o *éthos* do enunciador. Essa incorporação pode ser harmônica, quando *éthos* e *páthos* ajustam-se perfeitamente [...] ou complementar, quando o *éthos* responde a uma carência do *páthos*. [...] A eficácia discursiva está diretamente ligada à questão da adesão do enunciatário ao discurso. O enunciatário não adere ao

discurso apenas porque ele é apresentado como um conjunto de idéias que expressa seus possíveis interesses, mas sim, porque se identifica com um dado sujeito da enunciação, com um caráter, com um corpo, com um tom. Assim, o discurso não é apenas um conteúdo, mas também um modo de dizer, que constrói os sujeitos da enunciação. O discurso, ao construir um enunciador, constrói também seu correlato, o enunciatário” (p. 157).

Assim, tendo em vista as noções de *cenários da enunciação* e as de *ethos* e *pathos discursivo*, em desenvolvimento nos domínios da Análise do Discurso de linha francesa, pretendemos confrontar as matérias que tematizam o ‘livro’ nos cadernos selecionados da *Folha de S. Paulo*.

4 ILUSTRANDO: O ‘LIVRO’ EM VITRINE E O QUE MAIS!?

Neste capítulo procuramos elaborar e apresentar nossa análise propriamente dita, a partir de dados selecionados e tendo como embasamento teórico a conceituação discursiva de Maingueneau conforme exposta no capítulo anterior. O nosso corpus de análise é formado por textos coletados no jornal *Folha de S. Paulo*, tal como explicitado no capítulo 1.

Em sua circulação habitual, a *Folha de S. Paulo*, jornal alvo de nossa pesquisa, no período em que coletamos os textos que aqui analisaremos – março de 2008, determinando um recorte portanto, contava com uma diversidade de cadernos: o primeiro que versava sobre questões relacionadas à opinião do jornal, bem como aquelas relacionadas ao “mundo do poder”, com notícias nacionais e internacionais; um segundo, que focalizava assuntos econômicos; um terceiro caderno, em que são abordadas notícias do “cotidiano”, além de temas de divulgação científica e de saúde; um caderno sobre esportes; o caderno de variedades, denominado *Ilustrada*, basicamente constituído por textos de entretenimento, sobre cinema, música, teatro, televisão, e também com notícias do mundo das celebridades; e um último, que poderia ser definido como um suplemento literário. À época da realização de nossa coleta de dados, este caderno tinha como título *Mais!*; entretanto, por conta de uma reformulação gráfica e editorial do jornal, ocorrida em meados do ano de 2010, este caderno passou a se chamar *Ilustríssima*, e, de uma certa forma – ficou mais “forte” que antes, onde é possível perceber que são tratados, de maneiras diversas, assuntos relacionados a aspectos da cultura em geral, e não apenas de temas relacionados ao mundo dos livros, sendo sua circulação apenas aos domingos, também como acontecia em 2008. Com essa nova reconfiguração, portanto, a *Folha* manteve o mesmo número de cadernos na circulação de suas edições, sendo alterada a denominação do caderno que é “caracterizado” como uma espécie de suplemento literário, de *Mais!* para *Ilustríssima*.

Assim, considerando a constituição do jornal desse momento, podemos observar que, usualmente, a *Folha* publicava notas, resenhas, matérias comentando o lançamento de livros, enfim, uma gama de textos de gêneros variados que forma o todo do jornal. No caderno de variedades da *Folha*, a *Ilustrada*, essa multiplicidade

de matérias é maior, já que sua circulação é diária e seu público leitor é bastante heterogêneo. Porém, as edições de sábado desse caderno dão uma atenção especial aos livros, pois nelas são publicadas resenhas e uma série de outros textos em que o objeto ‘livro’ é o assunto principal.

Diferentemente da *Ilustrada*, o caderno *Mais!*, conforme já mencionamos, no ano de 2008 circulava apenas aos domingos; tratava não só de livros, mas de assuntos mais “densos”, afinal muitos dos autores desses textos são intelectuais e professores universitários renomados. Podemos observar uma linguagem mais “apurada”, mais rebuscada, seja na sintaxe seja na seleção lexical. Nesse sentido, apontaremos como exemplo um breve texto publicado no domingo, dia 02 de março de 2008, na seção “Biblioteca Básica” desse suplemento.

“Para cada época da vida, tive um livro mais importante: A Bíblia, ‘Crime e Castigo’ (Dostoiévski), ‘O Ateneu’ (Raul Pompéia), ‘Clara dos Anjos’ (Lima Barreto), ‘Introdução à Revolução Brasileira’ (Werneck Sodré). Meu livro de longa duração é ‘Memórias do Cárcere’ [ed. Record], de Graciliano Ramos. Não é ficção, não é memória, não é depoimento político, é tudo isso. O conteúdo (a brutalidade da cadeia) só se revela por meio daquela forma. ‘Memórias do Cárcere’ é a chave dos romances de Graciliano. A chave está fora, embora também seja texto. Um fora dentro”.

O texto publicado pelo jornal foi reproduzido integralmente, para demonstrar como as matérias desse tipo de seção apresentam a apreciação de um intelectual ou pessoa de destaque sobre livros que deveriam compor a nossa “biblioteca básica”. Na maioria dos casos, essas pessoas de destaque são escritores, professores universitários, ou intelectuais em geral. Ao final do “depoimento”, aparece, sistematicamente, uma breve apresentação profissional do “depoente”.

Reiteramos aqui a observação feita pelo jornal: Joel Rufino dos Santos (autor do texto publicado pelo *Mais!* e reproduzido acima) é professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e elabora um breve comentário a respeito do livro *Memórias do Cárcere*, de Graciliano Ramos (anexo 01)².

É interessante observar que o professor-autor cita o título de outras obras – a Bíblia; *Crime e Castigo*, de Dostoiévski; *O Ateneu*, de Raul Pompéia; *Clara dos*

² Os textos integrais das matérias da *Folha de S. Paulo* que aqui comentamos estão dispostos ao final do trabalho, sob a forma de anexo.

Anjos, de Lima Barreto; e ainda, *Introdução à Revolução Brasileira*, de Werneck Sodré - e as retoma ao apresentar a obra que vai comentar. Desse modo, ao considerarmos o texto publicado pelo jornal, é possível constatar que, mesmo em uma pequena extensão, e por meio de uma linguagem um pouco mais elaborada como o recurso a antíteses, por exemplo – “*não é ficção, não é memória, não é depoimento político, é tudo isso*” ou “*um fora dentro*” – pode-se tecer um comentário não tão simples, tendo em vista o suporte em que se veicula um texto e quem se espera que vá ler esse texto.

Em um outro exemplo também publicado nessa seção, no dia 09 de março de 2008 (anexo 02), o diretor da companhia teatral “Os Satyros”, Rodolfo García Vázquez, tece uma análise sucinta do livro *Ética contra Estética*, da autora espanhola Amelia Valcárcel. Segundo Vázquez, em seu livro a autora aborda, a partir de uma relação entre o “bem” e o “belo”, aspectos “das visões dos pensadores clássicos e sem dar uma resposta definitiva a esse combate de valores supremos”, que, na opinião do diretor teatral, em um país como o Brasil, uma reflexão como essa seria essencial àqueles envolvidos com o mundo das artes e da cultura de um modo geral.

Considerando, ainda, mais um texto publicado na seção “Biblioteca Básica”, no dia 20 de abril de 2008 (anexo 03), o poeta Thiago de Mello apresenta um retrato particular do início de sua relação com a literatura. Para isso, o escritor traz a público memórias das suas aulas de leitura, em que sua professora – Dona Aurélia, lia parágrafos de contos, ou estrofes de poemas. Mello encerra seu depoimento com títulos de textos publicados por Machado de Assis: *Um Homem Célebre*; *Senhora Dona*, *Guarde o Seu Balaio*; e *Candongas Não Fazem Festa*.

Assim, através das palavras de Isabel Travancas, já mencionada anteriormente, e tendo em vista esses exemplos retirados do caderno *Mais!*, podemos considerar o suplemento literário como

“não sendo mais um espaço de crítica literária, mas um lugar predominantemente jornalístico com contribuições mais ou menos freqüentes dos acadêmicos. Como tal estão mergulhados em uma lógica jornalística que define os cadernos a partir do conceito de notícia” (TRAVANCAS, 2001, p. 16).

Por outro lado, notamos que em quase todos os textos publicados na

Ilustrada há, ao final da resenha, um pequeno quadro descritivo em que são apresentadas informações acerca dos livros “noticiados”: título, autor, tradutor (caso seja uma obra de literatura estrangeira), editora, valor (referência ao preço), número de páginas e, uma informação extra para o leitor: uma avaliação a propósito do livro, avaliação essa que pode variar, apontando o livro como ótimo, bom ou regular³.

Na sua edição do sábado, dia 08 de março de 2008, a *Ilustrada* publicou um texto de autoria de Noemi Jaffe (anexo 04), que, em “colaboração para a *Folha*”, apresenta a coletânea de *Histórias para ler sem pressa*, tradução de Mamede Mustafá Jarouche de trinta narrativas curtas produzidas entre os séculos 8 e 18, em que se pretende retratar, por meio da irreverência, a sabedoria árabe. São textos retirados de fontes como “O Livro das Grandes Categorias” ou “O Livro dos Inteligentes”, em que a sabedoria, assim como a inteligência, é vista como virtude, desenvolvendo-se a partir da experiência, e exigindo, portanto, tempo para se consolidar. Nas *Histórias*, os sujeitos são representados pelos tipos já conhecidos: os avarentos, os ridículos, ou o esperto que não se dá bem no final; assim como também estão presentes os justos, os generosos... Jaffe aponta, ainda, que as passagens são relatadas de forma simples, porém, sem permitir que o leitor seja encaminhado ao senso comum a respeito da boa moral e dos bons costumes.

Assim, conforme já comentado anteriormente, encontramos ao final do texto publicado informações a respeito da obra resenhada: título; organização e tradução (nesse caso, por se tratar de uma coletânea de textos estrangeiros organizados e traduzidos por Mamede Mustafá Jarouche); a editora que está publicando o livro; qual será o preço do livro quando estiver à venda; número total de páginas; além de um conceito (avaliação) do jornal sobre a obra que, nesse caso, foi considerada ótima.

Vejamos agora um outro texto desse mesmo fascículo. Ainda em 08 de março de 2008, foi publicada uma matéria que noticiava a reedição de duas obras de João Ubaldo Ribeiro: *Sargento Getúlio* e *Viva o Povo Brasileiro* (anexo 05). Além de anunciar o relançamento de títulos do autor baiano pela editora Alfaguara/Objetiva, o colunista Manuel da Costa Pinto apresenta ao leitor o enredo dos livros, bem como características do estilo de Ubaldo Ribeiro:

³ Essas informações estão dispostas em uma espécie de quadro, ao final da resenha. Seja nesses exemplos, seja em outros, a informação sobre a qual buscamos dar destaque estará sublinhada.

“Cada nova edição solicita ao leitor uma releitura e uma reavaliação: seria ele o capítulo final da literatura regionalista ou, ao contrário, um dos primeiros autores a escreverem no Brasil uma prosa pós-moderna, com paródias de outros escritores e estilo camaleônico? Os livros aqui em questão podem ser interpretados dessas duas maneiras”.

Ao final da resenha, as obras são classificadas como **ótima** – *Sargento Getúlio*; e **boa** – *Viva o Povo Brasileiro*.

Abordando aspectos semelhantes, o caderno *Mais!* também publicava resenhas seguindo esse formato, entretanto, não se fazia valer de informações tão explícitas no sentido de conduzir (ou não) o leitor do jornal à leitura do livro que está sendo resenhado. A seguir, comentaremos esse tipo de resenha, para que possamos apreender parâmetros possíveis de comparação.

Na edição publicada domingo, dia 09 de março de 2008, o caderno *Mais!* veiculou um texto da jornalista Sylvia Colombo a respeito do lançamento, no Brasil, do livro *Cartas à Mãe*, em que estava sendo trazido a público o depoimento da franco-colombiana Ingrid Betancourt, à época, mantida refém pelas Farcs já há seis anos (anexo 06). O livro tinha como texto principal a reprodução integral da carta que Betancourt destinou à sua mãe – Yolanda, e aos filhos – Mélanie e Lorenzo, sendo que a edição brasileira trazia ainda um prefácio do Nobel da Paz, Elie Wiesel, e um posfácio de Francisco Carlos Teixeira da Silva, professor da Universidade de Brasília (UnB), além de um texto resposta dos filhos da “prisioneira”. Diferentemente dos textos da *Ilustrada* que comentamos acima, as informações a respeito do livro não estão dispostas ao final da resenha, como uma espécie de quadro, mas sim, ao longo do corpo do texto de Sylvia Colombo, bem como não há menção de qualquer tipo de avaliação da *Folha* considerando o livro resenhado ótimo, bom ou regular, como costuma ser a prática do caderno de variedades *Ilustrada*, de apresentar tais apontamentos em suas resenhas.

Um outro exemplo como esse é o texto de Eduardo Rodrigues da Cruz, publicado na edição de 16 de março de 2008 do *Mais!* (anexo 07). Em “especial para a *Folha*”, o professor do Departamento de Teologia e do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da PUC de São Paulo apresenta considerações a propósito da sua leitura do livro *O Espírito do Ateísmo*, de autoria do filósofo André Comte-Sponville, que estava sendo lançado. Rodrigues da Cruz elabora um texto

repleto de referências a outros filósofos e pensadores no sentido de dialogar com o tema da obra a ser resenhada terminando seu texto com a recomendação da leitura do livro de Sponville e se desculpando por não ter tido a oportunidade de comparar a tradução com o original em francês: “É um livro que vale a pena ser lido, não só por apresentar o pensamento de um influente filósofo contemporâneo como por seu estilo agradável, acessível e eminentemente pessoal. Não pude compará-lo com o original francês, mas a tradução não parece apresentar problemas”.

Tendo em vista esses dois textos focalizados, é possível observar que, diferentemente do que acontece com a *Ilustrada*, nas indicações do *Mais!* geralmente não há um indício de apreciação do jornal sobre o livro em questão: ou seja, podemos inferir que, diante dos textos veiculados pelo suplemento, o leitor possuiria uma certa autonomia para saber se a sugestão lhe será proveitosa ou não, sem que seja necessária a explicitação da apreciação do jornal a respeito. O que avalizaria a recomendação da leitura, portanto, é o articulista e não uma menção didática específica do jornal.

Considerando ainda outros aspectos, lembramos que a primeira seção do suplemento literário *Mais!* era “Os Dez +” que, segundo a definição do próprio jornal, se caracterizava como “uma seleção de livros e eventos culturais indicados pelo caderno”. Nesse caso as indicações a respeito dos livros trazem sempre uma breve descrição da obra, além de informações como preço, editora, número de páginas, etc.

Na edição de domingo, dia 09 de março de 2008, por exemplo, essa seção anunciava a chegada de mais sete títulos ao mercado (anexo 08): um “combo” com dois livros de João Ubaldo Ribeiro, *Sargento Getúlio* e *Viva o Povo Brasileiro* – obras essas que já haviam sido também noticiadas pela *Ilustrada*; *Kafka à Beira-Mar*, de Haruki Murakami; *Isto É Biologia*, de Ernst Mayr; uma reedição do livro *Abdias*, segundo romance de Cyro dos Anjos; *Para Ler Como um Escritor*, de Francine Prose; a coletânea de contos *A Fêmea da Espécie*, de Joyce Carol Oates; e ainda, *Putas Assassinas*, de Roberto Bolaño.

Uma semana depois, no dia 16 de março de 2008, essa mesma seção trazia como sugestão mais sete títulos (anexo 09): *A República*, um ensaio do professor de filosofia da Universidade de Cambridge, Simon Blackburn, sobre a obra de Platão; *O Povo de Luzia – Em Busca dos Primeiros Americanos*, relato de Walter

Neves e Luís Pilo sobre suas pesquisas em paleontologia; *O Mito Individual do Neurótico*, reunião de três textos do psicanalista Jacques Lacan; *A Mulher que Fugiu de Sodoma*, reedição do romance de José Geraldo Vieira; também uma outra reedição, do livro *Ascensão e Queda do Terceiro Reich*, de William L. Shirer; *Nothing to Be Frightened of*, de Julian Barnes; e *Vestígio*, de Patricia Cornwell.

Já na *Ilustrada* há uma seção que tem como título “Vitrine”, em que são expostos os “produtos da semana”, seguindo basicamente os mesmos princípios que a seção “Os Dez +” do caderno *Mais!*. Os livros são divididos entre ficção e não-ficção; são apresentadas informações básicas como a editora e os seus preços. Porém, a “Vitrine” também traz uma breve biografia sobre o autor, uma pequena resenha sobre o tema abordado pelo livro e ainda, e principalmente, explicita a razão pela qual deveríamos ler os livros em destaque, como uma justificativa da indicação dos títulos pelo caderno.

Na sua edição do dia 08 de março de 2008 temos como destaque os seguintes livros (anexo 10):

- *A Cidade Inteira Dorme*, do escritor norte americano Ray Bradbury;
- *La Bodega*, do consagrado escritor Noah Gordon;
- *Creta*, de Antony Beevor; e
- *Por que as Zebras Não Têm Úlceras*, do biólogo e neurologista Robert M. Sapolsky.

Na edição de sábado, dia 29 de março de 2008, por exemplo, temos informações sobre os livros abaixo (anexo 11):

- *Partículas Elementares*, do escritor francês Michel Houellebecq;
- *Toda Poesia de Machado de Assis*, de Machado de Assis;
- *Descobertas Perdidas*, do autor norte americano Dick Teresi; e
- *Japoneses – A História do Sol Nascente*, de Marcia Yumi Takeuchi.

O caderno *Mais!*, paralelamente à seção “Os Dez +”, publicava uma outra coluna, a dos “+ Lançamentos”. Nesta, porém, não havia indicação de eventos culturais, mas apenas sugestões de livros, em que se divulgavam os lançamentos

daquela semana, basicamente utilizando-se das mesmas informações da outra seção, conforme podemos constatar através dos exemplos publicados em 02 e 30 de março de 2008, apresentados nos anexos 12 e 13, respectivamente. Semanalmente, são listados em torno de dez títulos. No sentido de ilustrar essa ocorrência, mencionaremos aqui apenas seis, sendo os três primeiros da relação publicada no dia 02 de março, e os outros três, no dia 30:

- *Brasil – Paisagens Naturais*, de Marcelo Leite;
- *Hibridismos Musicais de Chico Science e Nação Zumbi*, de Herom Vargas;
- *Leitura, Literatura Infanto-Juvenil e Educação*, de Célia Regina Delácio Fernandes;
- *A Memória, a História, o Esquecimento*, de Paul Ricoeur;
- *Escrever sobre Escrever*, de Claudia Amigo Pino e Roberto Zular; e
- *Sotaques d’Aquém e d’Além Mar*, de Manuel Carlos Chaparro.

Desse modo, ao compararmos as matérias de cada caderno e levando-se em conta a distinção apontada, podemos observar que há uma certa predominância de textos de divulgação de literatura nas matérias veiculadas pela *Ilustrada*, ou seja, os textos mais parecem anúncios, nos quais é possível perceber a prescrição do livro e da leitura. Além disso, por meio desse “discurso de divulgação do livro”, podemos apreender o espetáculo que envolve esse universo, afinal, é a recomendação da *Folha*, projetada como voz da autoridade, que possui o conhecimento a respeito de determinada obra, que deve operar como o critério relevante para o leitor nas suas escolhas.

Essa observação pode ser comprovada também nos textos-anúncio acerca de alguns títulos disponibilizados à venda pelo próprio jornal, em uma coleção: a “Coleção Folha Grandes Escritores Brasileiros”. A cada domingo, ao comprar o jornal, o leitor poderia levar consigo uma obra de destaque da literatura brasileira. Na edição da *Ilustrada* do dia 02 de março de 2008, esse “anúncio” tinha como foco o livro *O Sentimento do Mundo*, de Carlos Drummond de Andrade (conforme anexo 14). Para tanto, é apresentado algo semelhante a um resumo do estilo do autor mineiro, além de características da obra que estava sendo anunciada que, segundo o texto, era o quarto livro da coleção que estaria à venda.

Já na edição do dia 09 de março, o quinto livro que estaria à disposição dos leitores do jornal para ser adquirido seria *Um Certo Capitão Rodrigo*, um dos títulos que integram a trilogia *O Tempo e o Vento*, de Erico Verissimo (anexo 15). Do mesmo modo, são apresentados de forma breve aspectos do fazer literário do autor gaúcho, através de referência a outros livros publicados por ele, bem como aproximações e semelhanças de sua obra à de autores como Jorge Amado, por exemplo.

Em 30 de março de 2008 noticiava-se a venda do livro da semana seguinte: *Triste Fim de Policarpo Quaresma*, de Lima Barreto (anexo 16). Assim como os dois exemplos anteriores, esse também segue a mesma cenografia, a mesma estrutura das resenhas cujo objetivo não era outro que não servir de propaganda da própria *Folha* ao despertar o interesse de seus leitores para que pudessem se sentir motivados a adquirir a obra em destaque.

Tendo em mente o nome da coleção - “Coleção Folha Grandes Escritores Brasileiros”, e considerando observações feitas pela pesquisadora Isabel Travancas,

“é como se existisse uma grande enciclopédia literária sendo construída pela elite intelectual, que indica o que deve ser selecionado e o que deve ser excluído, apontando o que deve ser lido e permanecer para a posteridade. Muitas vezes os meios de comunicação reforçam estas escolhas, apresentando e reapresentando estas obras para o consumidor, estimulando-o a gostar do já conhecido e do já visto” (TRAVANCAS, 2001, p. 85).

Ainda na perspectiva de matérias que tomam o livro como assunto, como tema apenas, e se valendo do poder que este representa, conforme já expusemos anteriormente, a título de ilustração, faremos uma observação sobre a coluna de Mônica Bergamo, publicada diariamente na *Ilustrada*. Essa colunista assina habitualmente a coluna social desse caderno, ou seja, um espaço midiático em que não se espera encontrar menção ao livro, dado o enquadramento da cena genérica que constitui uma coluna social.

Na edição de 20 de março de 2008, por exemplo, a colunista noticiava o lançamento do livro publicado pela atriz Maitê Proença, que estreava como autora de ficção (anexo 17). Em “‘Uma Vida Inventada’, a história da personagem, que não tem nome, se mistura com a da própria escritora”. A coluna ainda menciona que a obra seria lançada em São Paulo no dia 2 de abril, na Livraria da Vila. Além desse

lançamento, a articulista ainda faz um comentário sobre Pedro Fonseca, que estaria reunindo elementos para escrever a biografia de seu tio, o vaqueiro Manuelzão, personagem de Guimarães Rosa. Ao final da sua coluna, na seção *Curto-Circuito*, Mônica Bergamo anuncia que o escritor argentino Pablo Bernasconi participaria da feira do livro organizada pelo Colégio Miguel de Cervantes, a acontecer em maio de 2008.

Um outro exemplo da abordagem de Bergamo ao utilizar o objeto 'livro' como base para noticiar ocasiões e pessoas "colunáveis", são os tópicos de sua coluna de 25 de março de 2008 (anexo 18). Nesse dia era comentado o livro *Direito à Memória e à Verdade*, obra em que se apresentava "a história de 339 mortos ou desaparecidos na época da ditadura, que (...) dará origem a um projeto maior neste ano. Com orçamento de R\$ 500 mil, a Secretaria de Direitos Humanos vai realizar exposições com as fotos do livro e manifestações em todos os Estados do país". Além dessa, em uma outra nota, Mônica Bergamo comentava que o dono da editora Cosac Naify, Charles Cosac, havia presenteado com trinta livros o porteiro de um prédio situado na rua Bela Cintra, em São Paulo, José Carlos da Silva, apreciador de livros de arte. Nessa mesma edição, a colunista ainda comentou a respeito do lançamento do livro *Épicos*, organizado por Ivan Teixeira; assim como a autobiografia *O Show Não Pode Parar*, de Abelardo Figueiredo; além da sessão de autógrafos dos livros *Maria do Carmo Monteiro da Silva* e *Candido Botelho*, de Candida de Arruda Botelho.

Assim como em outros cadernos, a *Ilustrada*, o caderno de variedades da *Folha*, também apresenta este tipo de coluna – a coluna social, no sentido de comentar o que está acontecendo no momento, através de fatos diversos (os *fait divers* dos jornais franceses). A cena genérica, nesse caso, supõe um tipo de discurso e de cenografia particulares que configuram um discurso acerca da vida das celebridades, a "última do momento". A especificidade da coluna em pauta é **o que** se constitui como celebridade que, ao contrário das colunas sociais em cadernos sobre o cotidiano ou esportes, nas quais se focalizam esportistas, artistas ou pessoas da elite social, na *Ilustrada* tematizam personalidades relacionadas ao "mundo da cultura". A cenografia é, portanto, de coluna social, de fofoca, só que travestida como matéria séria, dada a natureza do assunto focalizado: o livro ou tópicos relacionados ao mundo da cultura e do entretenimento.

Ainda no que concerne à comparação entre os dois suplementos aqui focalizados, um outro aspecto a se observar, diz respeito à autoria dos textos veiculados. Muitas vezes, na *Ilustrada* não há referência ao autor da matéria, que quase sempre vem apresentada como “da reportagem local”, enquanto no suplemento literário - *Mais!*, além de as matérias serem frequentemente assinadas e o autor ter o seu nome revelado, elas exibem sempre a menção “em colaboração para a *Folha*”, “em especial para a *Folha*” e, raros são os textos apresentados como “da redação”.

Dessa forma, tendo em vista alguns dos textos publicados pelo jornal, em que procuramos exemplificar a materialidade do discurso acerca da temática que envolve os livros e que a *Folha* faz circular e, retomando o conceito de *cena de enunciação* proposto por Maingueneau apresentado no capítulo 2, poderíamos considerar o jornal como um espaço “supragenérico”, uma vez que há, na sua composição, uma grande diversidade de gêneros, ou ainda, poderíamos supor o jornal como um gênero específico e todos os textos que o compõem como “sub-gêneros”. Nesse sentido, mais do que classificar as matérias como *cenias englobantes* ou *cenias genéricas*, conforme a conceituação proposta pelo autor, acreditamos que possa ser pertinente, ou ainda, produtora, considerar os textos veiculados pela *Folha* tendo em mente o conceito de **cenografia**, uma vez que esta cena não é imposta apenas pelo tipo ou pelo gênero de discurso, mas sim, instituída pelo próprio discurso.

Para Maingueneau,

“a escolha da cenografia não é indiferente: o discurso, desenvolvendo-se a partir de sua cenografia, pretende convencer instituindo a cena de enunciação que o legitima. O discurso impõe sua cenografia de algum modo desde o início; mas, de um outro lado, é por intermédio de sua própria enunciação que ele poderá legitimar essa cenografia que ele impõe. Para isso, é necessário que ele faça seus leitores aceitarem o lugar que ele pretende lhes designar nessa cenografia e, de modo mais amplo, no universo de sentido do qual ela participa. Toda tomada de palavra é, com efeito, em diversos graus, incursão em um risco, sobretudo quando se trata de gêneros ou tipos de discurso que têm necessidade de se impor contra outros pontos de vista e de provocar uma adesão que está longe de ser já dada” (MAINGUENEAU, 2006a, p. 113).

Em outras palavras, o autor aponta ainda que,

“para desempenhar plenamente seu papel, a cenografia não deve, portanto, ser um simples quadro, um elemento de decoração, como se o discurso viesse ocupar o interior de um espaço já construído e independente desse discurso: a enunciação, ao se desenvolver, esforça-se por instituir progressivamente seu próprio dispositivo de fala. Ela implica, desse modo, um processo de *enlaçamento paradoxal*. Desde sua emergência, a palavra supõe uma certa situação de enunciação, a qual, com efeito, é validada progressivamente por meio dessa mesma enunciação. Assim, a cenografia é, ao mesmo tempo, *origem e produto do discurso*; ela legitima um enunciado que, retroativamente, deve legitimá-la e estabelecer que essa cenografia de onde se origina a palavra é precisamente a cenografia requerida para contar uma história, para denunciar uma injustiça, etc. Quanto mais o co-enunciador avança no texto, mais ele deve se persuadir de que é aquela cenografia, e nenhuma outra, que corresponde ao mundo configurado pelo discurso. Uma cenografia só se manifesta plenamente quando ela pode dominar seu desenvolvimento, manter uma distância em relação ao co-enunciador” (2006a, p. 113-114).

Nesse sentido, considerando os exemplos que apresentamos anteriormente, é possível apreender cenografias distintas, dados os assuntos abordados e, principalmente, o caderno em que cada um desses textos é veiculado. A coluna “Vitrine” da *Ilustrada*, por exemplo, se constitui de maneira diferente da coluna “Os Dez +” ou daquela dos “+ Lançamentos”, publicada pelo suplemento *Mais!*. Ainda que tenhamos basicamente as mesmas informações em todas elas, o que as torna diferentes é justamente o caráter de recomendação, de prescrição do livro e da leitura, com construções do tipo “por que ler”, presentes nas indicações do caderno de variedades, ou ainda, com a divisão entre categorias como “ficção”, “não-ficção” ou “romance”, bem como através de informações de quem foi o autor, contextualização do tema abordado pela obra etc, configurando uma cenografia “professoral”, pedagógica.

Outra configuração cenográfica é a dos textos-anúncio, a propósito da venda de títulos consagrados da literatura brasileira pelo próprio jornal. Esses textos são, na verdade, publicidade, uma vez que a intenção da *Folha* não é, ou não seria, promover determinado autor ou determinada obra, mas sim, basicamente, convencer o leitor de que o livro que será disponibilizado naquela semana é interessante e, portanto, deveria ser adquirido, já que se trata de um texto de um “grande escritor” nacional. Contudo, a cenografia é a que mimetiza a resenha literária.

A principal cenografia configurada pelas matérias do *Mais!* é a do ensaio acadêmico ou da resenha crítica, que se constituem como um discurso elaborado e dirigido a um interlocutor culto, capaz de assimilar e avaliar o seu teor. Exemplo disso é o texto publicado na edição de 30 de março de 2008, uma resenha de Francisco Alambert, professor de História Social da Arte e História Contemporânea na USP, a propósito do lançamento de uma coleção sobre pensadores brasileiros atuais pelas editoras Fundação Perseu Abramo e UFMG (anexo 19).

Em seu texto, o professor da USP faz a apresentação dos três primeiros volumes da “Coleção Intelectuais do Brasil”, série composta de artigos escritos por pesquisadores brasileiros de destaque e que, nas obras de inauguração da coleção, são dedicadas aos historiadores Evaldo Cabral de Melo (organização de Lilia Schwarcz) e Boris Fausto (organização de Ângela de Castro Gomes), e também ao crítico Silviano Santiago (organização de Eneida Leal Cunha). Segundo Alambert, os organizadores têm a difícil tarefa de publicar livros sobre quem faz e pensa em livros, sobretudo pelo fato de os homenageados serem autores ainda vivos.

Um outro exemplo desse tipo de resenha é o texto publicado uma semana antes, na edição do *Mais!* de 23 de março (anexo 20). Na seção “+ Livros”, Leopoldo Waizbort, professor de sociologia também na Universidade de São Paulo, e “em especial para a *Folha*”, apresenta o livro recém lançado de Luiz Costa Lima, *Trilogia do Controle*, em que aborda os deslocamentos em torno do conceito de *mimese*. Waizbort comenta o texto:

“É obra de fôlego, e, refletindo sobre isso, ocorre-me que se trata não do fôlego de mergulhador, que permanece submerso à procura da pérola de sua vida, mas de fôlego de maratonista, que percorre incansavelmente todo o caminho que o seu desafio exige e que, mesmo ao final, sabe que tem pela frente uma nova corrida”.

Seguindo adiante, o colunista faz um percurso pela obra e se surpreende quando se depara com um certo ajuste de contas de Costa Lima com a cultura latino-americana:

“... seria possível expor os desencontros de razão e imaginação, história e ficção, documento e discurso, realidade e verdade, e que Costa Lima investiga em várias constelações históricas, na Europa, na América Latina e no Brasil. Há na ‘Trilogia...’ muitas coisas surpreendentes. A que mais me assombra, em meio ao esforço de

construção teórica, é o ajuste de contas com a cultura latino-americana (colonial e pós-colonial), tributo que o autor brasileiro não se furta de prestar e quitar”.

Assim constituído, esse tipo de discurso, de cenografia, projeta um ethos competente, acadêmico: que atesta competência, domínio, ‘*expertise*’ sobre o assunto. Esse ethos discursivo é constituído tanto a partir das imagens projetadas pelas matérias assinadas, quanto pela imagem do suplemento como um todo (ethos prévio, inclusive); e, ainda, pela imagem de seu co-enunciador, o leitor projetado e considerado por esse discurso, o pathos do enunciatário: um leitor culto, ou interessado em cultura, com discernimento e capacidade de arbítrio.

Já a cenografia apreendida pelos textos do caderno *Ilustrada*, é aquela que remete a uma resenha jornalística, com cunho puramente informativo, em que são abordados aspectos que auxiliarão o leitor nas suas escolhas, ou ainda, que podem conduzi-lo na tomada de decisões, de forma a elaborar assim, seu ponto de vista. Os textos têm um forte caráter de aconselhamento ou de recomendação de leituras e de assuntos que deveriam ser do interesse do co-enunciador; nesse sentido adquirem um teor didático, que contribui para configurar uma cenografia ‘professoral’ nesse caderno.

Esses textos muito se assemelham àqueles presentes em uma revista semanal de variedades, com temas do mundo da cultura e do entretenimento, mas também do mundo das celebridades, das fofocas, projetando a imagem tanto de um enunciador como a de um enunciatário como o “descolado”, semelhante à própria imagem projetada pelo jornal: seus interesses são variados; seu envolvimento com as manifestações culturais são diversas, interessando-se, inclusive, por aquelas tidas como alternativas.

Ainda que essa seja a imagem projetada do jornal e esteja subjacente aos discursos presentes nas matérias de ambos os cadernos focalizados, a imagem que se apreende de cada um deles é perceptivelmente diferente, como se pôde verificar pelas cenografias postas em jogo em cada um: uma tutelar, outra acadêmica. Também o ethos projetado aí será diferente e contribuirá para consolidar a distinção ora apontada.

Observando-se então as diferenças demarcadas, seja em relação às cenografias preferenciais em cada caderno, seja em relação à constituição e assunção do ethos e do pathos dos co-enunciadores, acreditamos fortemente que a

diferença não só em relação à linguagem utilizada na composição dos textos, mas também, na constituição dos discursos sobre livros veiculados pelo jornal, deve-se, certamente, ao público a que se destinam esses textos. Infere-se, então, a partir da imagem de leitor projetada pelo ethos discursivo do enunciador da *Ilustrada*, um enunciatário que, muitas vezes, se constitui a partir e através da visão proposta pelo jornal, sendo este um ethos projetado de autoridade máxima, de alguém dono de um saber douto sobre a questão, isto é, sobre a recomendação de livros e leituras. Ao contrário, o leitor do *Mais!* supõe-se como um leitor com formação prévia e que ao se deparar com as indicações do caderno, se questiona sobre o seu interesse e serventia.

Assim, a análise mostra que há, basicamente, duas imagens de leitores produzidas pelos textos da *Folha S. Paulo* quando se aborda o objeto 'livro' na composição de suas matérias. A imagem estabelecida pela *Ilustrada* seria a de um enunciador generoso, solidário com o seu público, uma vez que além de apresentar inúmeras informações acerca do mundo dos livros, recomenda aos leitores o que ler; esse ethos, segundo a caracterização clássica da retórica, se configuraria como *eúnoia*, que se constitui por meio da benevolência, permitindo ao seu enunciatário, uma imagem agradável de si, afinal o orador nutre simpatia pelo seu auditório. Já a imagem que apreendemos a partir dos textos do *Mais!*, é aquela em que vale a prudência, o bom senso, a ponderação, pois os textos nos permitem visualizar um enunciador competente, sensato, que não precisa exprimir maiores informações, uma vez que seu interlocutor compartilha de um mundo próximo ao seu, ou seja, é também este um intelectual, um erudito ou mesmo um principiante nessas artes, um amador das letras, caso em que a relação que se estabelece é mais simétrica; temos então um ethos baseado na *phrónesis*, podendo ser classificado como ponderado. E ainda, conforme demarcação proposta por Fiorin (2008, p. 157), poderíamos, inclusive, supor uma incorporação harmônica, quando ethos e pathos ajustam-se perfeitamente, que seria a condição apresentada pelo *Mais!*; ou complementar, que seria aquela vislumbrada pela *Ilustrada*, em que o ethos responderia a uma carência do pathos.

Nesse sentido, podemos pensar que, ao tomar como base os discursos sobre o livro veiculados pela *Folha de S. Paulo*, tendo como cenário as matérias publicadas na *Ilustrada* e no *Mais!*, teríamos a configuração de, pelo menos, dois

pathos, sendo um primeiro, aquele leitor atribuído pela *Ilustrada*, que necessita das indicações do caderno, que, em certa medida, é persuadido pela opinião do jornal. Já o segundo, seria aquele construído pelas imagens dos textos do *Mais!*, um leitor relativamente mais autônomo, tido, na verdade, como mais um de um grupo de pares, afinal, é possível notar essa característica: os textos que encontramos no suplemento literário supõem que muitos dos temas que são abordados, debatidos, já são de conhecimento do público, sendo desnecessárias, portanto, informações de ordem mais básica, genérica. Para Fiorin, “o enunciatário é também uma construção do discurso. Não é o leitor real, mas um leitor ideal, uma imagem de um leitor produzida pelo discurso” (2008, p. 153). E ainda, “essa imagem do enunciatário passa a ser um co-enunciador, na medida em que ela determina a escolha das matérias que entrarão no jornal, a forma como os textos são redigidos, a disposição da página, etc” (p.157).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando os aspectos que procuramos abordar com a proposta de análise que apresentamos neste trabalho, foi possível apreender, seja pela leitura dos autores escolhidos, seja pela observação dos nossos dados propriamente, a predominância do prestígio do 'livro', afinal, os livros ainda denotam, em nossa sociedade, o poder do saber, nos remetendo a uma dada autoridade, expressão da razão e da vontade de saber, configurando-se, portanto, como um demarcador do mundo da cultura e da erudição, daí possivelmente sua importância, ou ainda, sua relevância, a ponto de servir como tema, como assunto em matérias de jornal.

Assim, podemos apontar que o objeto 'livro' se constitui como "unidade de valor" nos cadernos de cultura da *Folha de S. Paulo*, seja o caderno de variedades, *Ilustrada*, seja o suplemento literário, *Mais!*. De qualquer maneira, esse assunto "valorizado", sério, não é tratado do mesmo modo pelos dois cadernos, assim como também não o é pelo ethos do próprio jornal. Dessa forma, então, tal distinção só pode ser atribuída ao endereçamento que a matéria tem, mesmo que consideremos a configuração de diferentes cenografias, conforme as categorias analíticas desenvolvidas por Maingueneau que procuramos recuperar, e que pretendemos associar à composição do jornal, ao caracterizar a materialidade do discurso sobre o livro, sobre a prescrição de livros e leituras em suas páginas.

Nesse sentido, a causa, o responsável por essa abordagem distinta dos temas relacionados ao mundo dos livros é o leitor, sendo possível afirmar que o que define a diferença do tratamento jornalístico, nesse caso em tela, é o pathos, ou ainda, a imagem do enunciatário, que é diferente para cada caderno, conforme pudemos apreender pelos textos que trouxemos a título de ilustração.

Tendo isso em vista, e envolvidos pela circulação dos saberes, seja nos domínios, nos espaços "apropriados" para que essa troca aconteça, seja nos territórios "movediços", em que não tenhamos configurado tão claramente um lugar propício para o desenvolvimento de debates acerca de temas relevantes para a sociedade como um todo, e não apenas pela temática apresentada neste trabalho, gostaríamos de apontar a contribuição de uma disciplina como a Análise do Discurso, no sentido de procurar desvendar as mais diversas materialidades.

A AD, através da abordagem proposta pelas diferentes perspectivas

teóricas, desenvolvidas em conjunto, e não somente pelos autores aqui evocados, permite a possibilidade de confrontar aspectos que nos envolvem, sejam eles da ordem do cultural, do econômico, do ideológico, ou simplesmente, do social. Isso pode ser corroborado, conforme apontamos ao apresentarmos a constituição da Análise do Discurso como ramo do saber, por meio de sua singularidade, entrelaçada através de sua relação com a história, de sua interação com o outro, de sua constituição de sentidos, não sendo, portanto, seus “mecanismos de operação” uma escolha exclusiva do analista, mas sim, um apontamento dos princípios e dos procedimentos a serem utilizados na observação de determinados dados, em que a reflexão, ainda que desenvolvida em um plano de generalidade suficiente, apresente características no sentido de se abordar todos os discursos, falando apenas de alguns, bem como falar de alguns, pensando em se tratar de todos, conforme observações de Maingueneau.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMOSSY, Ruth (org.). *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. São Paulo: Contexto, 2005.
- BENJAMIN, Walter. O autor como produtor: Conferência pronunciada no Instituto para o Estudo do Fascismo, em 27 de abril de 1934. In: _____. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. 3ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1987, p. 120-136.
- CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. *Dicionário de Análise do Discurso*. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2006.
- CHARTIER, Roger. *A aventura dos livros: do leitor ao navegador*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista: Imprensa Oficial do Estado, 1999.
- _____. *A história ou a leitura do tempo*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.
- _____. *A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1994.
- DARNTON, Robert. *A questão dos livros: passado, presente e futuro*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- _____. História da leitura. In: BURKE, Peter (org.). *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992, p. 199-236.
- FIORIN, José Luiz. *Em busca do sentido: estudos discursivos*. São Paulo: Contexto, 2008.
- FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. 11ª ed. São Paulo: Loyola, 2004.
- _____. As formações discursivas. In: _____. *A arqueologia do saber*. Petrópolis: Vozes, Lisboa: Centro do Livro Brasileiro, 1972, p. 43-53.
- MAINGUENEAU, Dominique. *Análise de textos de comunicação*. 4ª ed. São Paulo: Cortez, 2005a.
- _____. *Cenas da enunciação*. Curitiba: Criar Edições, 2006a.
- _____. *Discurso literário*. São Paulo: Contexto, 2006b.
- _____. Ethos, cenografia e incorporação. In: AMOSSY, Ruth (org.). *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. São Paulo: Contexto, 2005b.
- _____. *Gênese dos discursos*. Curitiba: Criar Edições, 2005c.
- _____. *Novas tendências em análise do discurso*. 3ª ed. Campinas: Pontes: Editora

da Universidade Estadual de Campinas, 1997.

MEYER, Michel. *A retórica*. São Paulo: Ática, 2007.

MOTTA, Ana Raquel; SALGADO, Luciana (orgs.). *Ethos discursivo*. São Paulo: Contexto, 2008.

POSSENTI, Sírio. *Questões para analistas do discurso*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.


_____. Teoria do discurso: um caso de múltiplas rupturas. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (orgs.). *Introdução à lingüística: fundamentos epistemológicos*. Vol 3. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2005, p. 353-392.

TRAVANCAS, Isabel. *O livro no jornal – os suplementos literários dos jornais franceses e brasileiros nos anos 90*. Cotia: Ateliê Editorial, 2001.

ANEXOS

Organizados sob a forma de anexo, dispusemos aqui os textos publicados pela *Folha de S. Paulo* e que foram apresentados no corpo da dissertação, no sentido de procurar demonstrar as recorrências discursivas que privilegiamos em nossa análise.

- ANEXO 01:

São Paulo, domingo, 02 de março de 2008 

Biblioteca Básica


Memórias do Cárcere
JOEL RUFINO DOS SANTOS
ESPECIAL PARA A FOLHA

Para cada época da vida, tive um livro mais importante: A Bíblia, "Crime e Castigo" (Dostoiévski), "O Ateneu" (Raul Pompéia), "Clara dos Anjos" (Lima Barreto), "Introdução à Revolução Brasileira" (Werneck Sodré). Meu livro de longa duração é "Memórias do Cárcere" [ed. Record], de Graciliano Ramos. Não é ficção, não é memória, não é depoimento político, é tudo isso.

O conteúdo (a brutalidade da cadeia) só se revela por meio daquela forma. "Memórias do Cárcere" é a chave dos romances de Graciliano. A chave está fora, embora também seja texto. Um fora dentro.

JOEL RUFINO DOS SANTOS é professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Está lançando "Quem Ama Literatura Não Estuda Literatura" (Rocco).

- ANEXO 02:

São Paulo, domingo, 09 de março de 2008 

Biblioteca básica

Ética contra Estética
RODOLFO GARCÍA VÁZQUEZ
ESPECIAL PARA A FOLHA

As relações entre o "belo" e o "bem" vêm me tocando há tempos, e "Ética contra Estética" (ed. Perspectiva), da filósofa espanhola Amelia Valcárcel [foto], se propõe justamente a analisar as relações entre esses conceitos no mundo hoje. Ele o faz a partir das visões dos pensadores clássicos e sem dar uma resposta definitiva a esse combate de valores supremos, que, desde Platão, nunca chegaram a conviver bem. No país de "Tropa de Elite", essa reflexão me parece fundamental para todos os artistas e pessoas de cultura.

RODOLFO GARCÍA VÁZQUEZ é diretor da companhia teatral Os Satyros, que encena "Vestido de Noiva" no Festival de Curitiba, em 23 e 24/3.

- ANEXO 03:

São Paulo, domingo, 20 de abril de 2008



Biblioteca Básica

Várias Histórias

THIAGO DE MELLO

ESPECIAL PARA A FOLHA

Eu tinha dez anos quando minha professora, dona Aurélia, dava aulas de leitura (o que todas as professoras e o Ministério da Educação deveriam manter). Lia o primeiro parágrafo de um conto, uma estrofe de poema. Com Machado de Assis [1839-1908, foto], fui cativado pela beleza das frases, pela sonoridade.

Morri de rir com "Um Homem Célebre", pelos títulos das polcas: "Senhora Dona, Guarde o Seu Balaio". Note o título de polca que Machado põe na boca do editor: "Candongas Não Fazem Festa". O músico pergunta: que quer dizer? "Não quer dizer nada, mas populariza-se logo."

THIAGO DE MELLO é poeta, está relançando "Amazonas - Pátria da Água" (ed. Gaia).

- ANEXO 04:

São Paulo, sábado, 08 de março de 2008

FOLHA DE S. PAULO **ilustrada**

Livros - Crítica / "Histórias para Ler sem Pressa"

Textos irreverentes destacam a sabedoria da tradição árabe

Coletânea apresenta 30 narrativas curtas produzidas entre os séculos 8 e 18

NOEMI JAFFE

COLABORAÇÃO PARA A FOLHA

Conta-se que o padre Antônio Vieira escreveu, numa carta a alguém: "Desculpe, mas não tive tempo de escrever-lhe uma carta mais curta". Algo semelhante acontece na leitura destas "Histórias para Ler sem Pressa", traduzidas da antiga sabedoria árabe por Mamede Mustafá Jarouche.

São 30 histórias, todas muito curtas, para ler com toda a lentidão possível. A sabedoria, mais do que a inteligência, é também uma virtude, próxima de outras como a prudência, a tolerância e a generosidade. E, como elas, desenvolve-se a partir de experiência, intuição, algum senso de espiritualidade e uma visão muito mais generalista do que particular. Tudo isso exige tempo.

De quem pronuncia a sabedoria e de quem a escuta, porque a sabedoria tem a ver com ação, juízo; é a "moral do equilibrista", como diz André Jolles no livro "Formas Simples". E a economia destas histórias é justamente a economia modelar dos sábios, que, com algumas palavras exemplares solucionam revezes e abrem portas labirínticas.

Irreverência

São 30 histórias extraídas de fontes que vão do século 8 ao século 18, de textos com nomes como "O Livro das Grandes Categorias", "O Livro dos Inteligentes", "O Cúmulo da Sagacidade nas Artes do Decoro" e "O Livro dos Idiotas e dos Néscios".

Nelas comparecem os famosos avarentos, os ridículos ostentadores, o bobo necessário, o esperto que se dá mal no final.

Todos eles desmoralizados por seus opostos, os justiceiros, os generosos, os incorruptíveis, os justos. Tudo

com uma simplicidade e polaridade alentadoras para tempos de tantos relativismos, sem, entretanto, cair na austeridade dos juízos morais.

Ao contrário.

Quase todas as histórias do livro são irreverentes, algumas até lembrando personagens brasileiros como o conhecido malandro. E é também surpreendente perceber como os valores da cultura árabe se diferenciam alegremente da moral cristã: nestas histórias, valores como culpa, pecado, punição e vergonha surgem com pesos completamente diferentes daqueles que estamos acostumados a ler nas parábolas do cristianismo.

Verdade na forma

A verdade, às vezes, parece localizar-se muito mais na linguagem e na forma de dizer as coisas do que em alguma essência última. Assim, quem sabe falar melhor muitas vezes se dá melhor, como na história do "Juiz Austero e do Juiz Ligeiro" ou em "Asnos por Testemunhas". É uma moral muito mais pragmática, afinal de contas.

Trata-se de como e por que agir de determinadas formas, em determinadas circunstâncias da vida cotidiana. E isso parece excluir o "ofereça a outra face" em favor de atitudes de mais desconfiança e cautela.

Por exemplo, diante de intrigueiros, são necessárias algumas atitudes como "não acreditar". Advertir o intrigante e torná-lo detestável perante Deus. Afinal, sabedoria é juízo, é siso, mas se dizem que onde tem muito riso, falta o siso, não é o caso deste livro, que, além de fazer pensar, também nos faz rir.

HISTÓRIAS PARA LER SEM PRESSA

Organização e tradução: Mamede Mustafa Jarouche

Editora: Globo

Quanto: R\$ 25 (80 págs.)

Avaliação: ótimo

- ANEXO 05:

São Paulo, sábado, 08 de março de 2008

FOLHA DE S. PAULO **ilustrada**

Crítica/"Sargento Getúlio" e "Viva o Povo Brasileiro"

Ubaldo faz transição do regional ao pós-moderno

"Sargento Getúlio" e "Viva o Povo..." iniciam reedição das obras do baiano

MANUEL DA COSTA PINTO

COLUNISTA DA FOLHA

"Sargento Getúlio" e "Viva o Povo Brasileiro" - romances que dão início ao relançamento da obra de João Ubaldo Ribeiro pela Alfaguara/Objetiva- são os dois livros aos quais o escritor baiano deve seu lugar na história da literatura brasileira.

Não se trata de um lugar fixo, congelado nos compêndios de crítica e nos livros escolares.

Cada nova edição solicita ao leitor uma releitura e uma reavaliação: seria ele o capítulo final da literatura regionalista ou, ao contrário, um dos primeiros autores a escreverem no Brasil uma prosa pós-moderna, com paródias de outros escritores e estilo camaleônico?

Os livros aqui em questão podem ser interpretados dessas duas maneiras. "Sargento Getúlio", de 1971, narra a história de uma missão política que se transforma em fábula moral.

Getúlio Santos Bezerra é o militar encarregado de levar um prisioneiro do sul da Bahia até o Sergipe.

Durante o trajeto, chegam notícias de que, devido a mudanças na política local, ele deve abandonar a tarefa e libertar o subversivo. Getúlio resolve concluir sua tarefa, desafia as autoridades e torna-se, também ele, um insurgente.

Numa anotação inicial, o autor alerta que a narrativa que virá a seguir "é uma história de aretê" -em referência à palavra grega normalmente traduzida por termos como "virtude", "excelência", "nobreza".

Ou seja, o romance contrasta uma realidade social marcada pelo autoritarismo e pelo concerto dos interesses políticos a uma conduta regida pelo orgulho, por uma noção de virtude menos vinculada à ética cristã (piedosa

e privada) do que a uma idéia mediterrânea de honra (viril e pública).

Valores arcaicos

A obstinação de Getúlio revela apego a valores arcaicos em litígio contra as instituições modernas e sua deformação no ambiente agreste. Ocorre que o próprio sargento sofre tal deformação, tratando seu prisioneiro com uma raiva homicida amplificada pela prosa de João Ubaldo -singular mistura de fluxo de consciência e oralidade nordestina.

Ambientado nos anos 50, "Sargento Getúlio" pode ser lido como espelho do Brasil dos anos de chumbo do regime militar; mas esse quadro sócio-político é atravessado por uma idéia de "desmedida" (no sentido da "húbris" grega, que precipitava o conflito nos épicos antigos) que lhe confere caráter atemporal, apesar do enraizamento sertanejo. A viagem simbólica de Getúlio se transforma, em "Viva o Povo Brasileiro" (1984), numa espécie de alegoria na qual são resumidos três séculos de Brasil, desde a ocupação holandesa até o Estado Novo e o golpe de 64, com destaque para as guerras de Canudos e do Paraguai.

Viés satírico

Com viés mitopóetico e satírico, ambientado no Recôncavo Baiano, o romance segue o trajeto de "alminhas" que migram de geração em geração, encarnando personagens populares que permitem reescrever nossa história a contrapelo e em cronologia descontínua.

Esse tipo de recurso, amplamente utilizado pelos escritores do realismo fantástico (como o paraguaio Roa Bastos e o colombiano García Márquez), também levou a comparações com Guimarães Rosa, por seu sentido cosmológico -o que colocaria João Ubaldo como arremate de um ciclo da literatura latino-americana.

O romance, entretanto, faz uma celebração do imaginário afro-baiano (orixás lutando na Guerra do Paraguai, um tom profético que remete aos sermões de padre Vieira) na qual a contestação da história oficial ganha cores eufóricas.

Nesse sentido, o romance indica o caminho tomado por João Ubaldo: se "Sargento Getúlio" identifica na violência e na pulsão de morte uma invariável da história, "Viva o Povo Brasileiro" usa a história para fazer variações de estilo, numa evidente opção pelo entretenimento que será confirmada nos livros seguintes.

SARGENTO GETÚLIO

Autor: João Ubaldo Ribeiro

Editora: Alfaguara/Objetiva

Quanto: R\$ 29,90 (168 págs.)

Avaliação: ótimo

VIVA O POVO BRASILEIRO

Autor: João Ubaldo Ribeiro

Editora: Alfaguara/Objetiva

Quanto: R\$ 64,90 (640 págs.)

Avaliação: bom

- ANEXO 06:

São Paulo, domingo, 09 de março de 2008



'A morte seria um alívio'

**"CARTAS À MÃE" TRAZ O DEPOIMENTO DA POLÍTICA INGRID BETANCOURT,
MANTIDA REFÉM PELAS FARC HÁ SEIS ANOS**

SYLVIA COLOMBO

DA REPORTAGEM LOCAL

A cada aniversário de algum de seus filhos, Ingrid Betancourt canta "Happy Birthday" diante de um prato de feijão com arroz, no meio da selva colombiana. No começo, conta, os guerrilheiros permitiam que ela fizesse um bolo de aniversário, mas já não é mais assim.

A íntegra da carta que a política franco-colombiana, mantida há seis anos como refém pelas Farc, escreveu em 24 de outubro de 2007, destinada à sua mãe, Yolanda Pulecio, e aos filhos Mélanie e Lorenzo, acaba de ser editada no Brasil.

"Cartas à Mãe – Direto do Inferno" (ed. Agir, 87 págs., R\$ 19,90) reproduz as doze páginas manuscritas por Betancourt, 46.

Juntamente com um vídeo que foi amplamente divulgado pela mídia -no qual Betancourt aparece magérrima e de olhar cabisbaixo-, ambos compõem o retrato de uma mulher desesperançada e em profunda depressão.

Quem acompanhou a libertação feliz, mas controversa, de suas colegas de cativo, Clara Rojas e Consuelo Gonzalez, pode perceber como a saúde e o estado psicológico de Betancourt estão fragilizados.

As primeiras exibiam desde a primeira imagem divulgada boa forma física e, de modo geral, nenhum indício de terem sofrido traumas muito graves do ponto de vista mental.

Percepção abalada

Já Betancourt demonstra, na carta, que sua percepção do mundo está abalada. E que suas forças se esvaem.

Conta que anda com dificuldade e lhe custa acompanhar o grupo nas caminhadas pela floresta. Até porque é obrigada a carregar seus poucos pertences quando isso acontece. Enumera seus pertences: um pequeno armário onde guarda uma mochila com roupas e a Bíblia, que chama de "único luxo".

No início, disse que fazia exercícios físicos e até nadava em alguns dos acampamentos. Mas, agora, não sente vontade. Parou de comer, perdeu o apetite, enquanto seus cabelos caem copiosamente. Por fim, admite que sua morte "seria um alívio para todo mundo".

No prefácio do livro, o Nobel da Paz Elie Wiesel diz que os desejos da prisioneira são "simples e perturbadores".

O texto começa com o seguinte cabeçalho: "Selva colombiana, quarta-feira, 24 de outubro, às 8h34, uma manhã chuvosa, como a minha alma".

Sem política

A partir daí, Betancourt se dirige à mãe e aos filhos pedindo que eles não deixem de mandar mensagens pelos programas de rádio que chegam à selva.

Pede também que protejam John Frank Pinchao, policial colombiano que foi refém das Farc durante quase nove anos e que conseguiu escapar no ano passado. Era um dos principais companheiros de Betancourt nos últimos tempos.

Cheia de mensagens pessoais a parentes e amigos, a carta pouco ou nada diz sobre política. Nesse caso, duas explicações são possíveis: ou as Farc não a deixariam passar caso estivesse carregada de mensagens desse naipe ou a ex-candidata à Presidência já não se preocupa mais com esse tema.

Quando menciona líderes internacionais relacionados com seu caso, mesmo díspares ideologicamente, como Chávez, Sarkozy ou Bush, apenas consegue elogiá-los pelos "esforços" em salvar os reféns.

A edição vem acompanhada de um texto-resposta dos filhos Mélanie e Lorenzo Delloye-Betancourt, assim como um posfácio de Francisco Carlos Teixeira da Silva, da Universidade de Brasília.

Seja qual for o desenlace da atual crise na região, as cartas de Betancourt ficarão como um dos mais dramáticos documentos históricos desse episódio.

- ANEXO 07:

São Paulo, domingo, 16 de março de 2008



Fé na encruzilhada

Tolerante, "O Espírito do Ateísmo", do filósofo André Comte-Sponville, rebate a religião ao invocar o pensamento iluminista

EDUARDO RODRIGUES DA CRUZ

ESPECIAL PARA A FOLHA

O novo livro de André Comte-Sponville, "O Espírito do Ateísmo", tem como subtítulo "Introdução a uma

"Espiritualidade sem Deus" e é de fato uma introdução: curto, sem notas de rodapé nem raciocínios tortuosos. É também autobiográfico em estilo: o autor fala a partir de suas próprias experiências e as compara com as tradições filosófica ocidental e oriental.

O autor, como se sabe, faz parte de uma geração de filósofos franceses "pós-68", que, sem ser pós-moderna, transcende o marxismo e o existencialismo de seus mestres. Esses filósofos sentem a necessidade de se colocar a questão de Deus e da religião nos dias de hoje. Eles podem divergir em muitos pontos, mas se consideram proponentes de um humanismo no espírito das luzes e defensores do laicismo.

A presente obra, como nos sugere o título, é uma defesa da dignidade do ateísmo. Ao contrário do biólogo Richard Dawkins e outros "brights" de língua inglesa, entretanto, não faz disso uma cruzada anti-religiosa. É dentro do espírito de tolerância que elabora sua defesa.

Também diferentemente desse segundo grupo, não constrói seu apreço pelo ateísmo em nome da ciência moderna, mas, sim, de valores iluministas: tolerância, liberdade, laicidade.

Seu livro se divide em três partes: o primeiro capítulo, intitulado "Pode-se Viver sem Religião?", mostra, assim como muitos de seus contemporâneos, que é possível uma vida plenamente humana e feliz sem professar uma religião ou pertencer a uma igreja. Ao contrário da fé, propõe comunhão (seguindo Durkheim), fidelidade e amor.

O segundo capítulo é mais filosófico e se pauta pela pergunta "Deus existe?". Revisita as tradicionais "provas" da existência de Deus e as refuta seguindo seis argumentos modernos típicos. Mas, novamente, o central é considerar Deus como entrave a um autêntico humanismo.

O terceiro capítulo, por fim, expõe sua proposta de uma vida espiritual -"Que Espiritualidade para os Ateus?". Fala aqui de suas experiências e personalidade místicas, reiterando que Deus e a religião barram a realização e a fruição de tais experiências.

Se os dois primeiros capítulos seguem padrões mais ou menos conhecidos, nos quais o autor evita polemizar com os teístas, o terceiro é bastante "sui generis" para o espírito moderno.

"Ateu cristão"

Michel Onfray qualifica Comte-Sponville como "ateu cristão" (em "Tratado de Ateologia", ed. Martins Fontes) e, com isso, indica uma fraqueza da posição deste, mas nosso autor vê isso como favorável a seu argumento.

Não só ele se coloca em continuidade com a tradição cristã, respeitando-a (por exemplo, ao entender o melhor da religião como "fidelidade" e "respeito ao passado") como também a evoca em defesa de sua espiritualidade. Suas fontes são cristãs e não-cristãs: Lao-tsé e Agostinho, Pascal, Montaigne e Espinosa, Wittgenstein, Krishnamurti e Prajnanpad.

Desses autores, destaca o viés místico e, para melhor caracterizar sua mística, teólogos como De Lubac e Brunner são citados. Esta é estoicista, como ele reitera ao longo do texto. Afirma que sua metafísica (por exemplo, o real como perfeito) e sua postura (por exemplo, serenidade e aceitação) não levam à inação política, mas o argumento não me parece muito convincente.

Consciência crítica

O autor parece ter sido afetado por uma disposição muito comum na modernidade tardia: uma volta à espiritualidade, mas recusando o Deus cristão e sua igreja.

Busca fontes orientais, mas as traduz em termos de Ocidente, rejeita a metafísica, mas fala com desenvoltura do "absoluto", da "verdade" e de outros universais.

Mas isso pode ser uma vantagem para o leitor que não dispensa uma consciência crítica. É um livro que vale a pena ser lido, não só por apresentar o pensamento de um influente filósofo contemporâneo como por seu estilo agradável, acessível e eminentemente pessoal. Não pude compará-lo com o original francês, mas a tradução não parece apresentar problemas.

EDUARDO RODRIGUES DA CRUZ é professor no departamento de teologia e no programa de pós-graduação em ciências da religião da Pontifícia Universidade Católica (SP).

O ESPÍRITO DO ATEÍSMO


Autor: André Comte-Sponville

Tradução: Eduardo Brandão

Editora: WMF Martins Fontes (tel. 0/xx/11/ 3241-3677)

Quanto: R\$ 32,50 (194 págs.)

- ANEXO 08:

São Paulo, domingo, 09 de março de 2008 

Os Dez +

Uma seleção de livros e eventos culturais indicados pelo caderno

+ Literatura

João Ubaldo Ribeiro

Uma caixa traz novamente dois sucessos do escritor, membro da Academia Brasileira de Letras: "Sargento Getúlio" (1971) e "Viva o Povo Brasileiro" (1984), ganhadores do Jabuti como "autor revelação" e "romance", respectivamente. Objetiva/ Alfaguara (tel. 0/xx/ 21/2199-7824). 168 e 640 págs., R\$ 64.

+ Exposição

Em Campinas...

... o Ateliê Aberto (tel. 0/xx/ 19/ 3251-7937) comemora seus dez anos com exposições de Tiago Rivaldo e Reginaldo Pereira. O primeiro apresenta, em vídeo, dois homens transformando suas bicicletas em uma só. Pereira mostra a instalação "Carta Branca", com paisagens marinhas em chave conceitual.

+ Arte

Countdown

Em sua primeira exposição individual no Brasil, o artista franco-americano Stephen Dean exibe iconografia pictórica por meio de vídeos, esculturas e pinturas. A Casa Triângulo (tel. 0/xx/11/ 3167-5621), em SP, apresenta sua metodologia artística na série de objetos customizados no térreo.

+ Narrativa

Kafka à Beira-Mar

Romance de Haruki Murakami, um dos nomes mais populares da literatura japonesa atual. Fala de um adolescente que foge de casa e de um homem que consegue conversar com gatos. Trad. do japonês de Leiko Gotoda. Ed. Alfaguara/ Objetiva (tel. 0/ xx/ 21/ 2199-7824). 572 págs., R\$ 59,90.

+ Vídeo

Cinema de Corredor

O japonês Koki Tanaka s é o convidado do projeto, com curadoria de Wagner Morales, no centro cultural b- arco (tel. 0/xx/11/3081-6986). Apresenta dez vídeos em que objetos do cotidiano, como lixeiras, caixas de leite, frutas e papel higiênico recebem um olhar terno, sob uma nova perspectiva.

+ Ciência

Isto É Biologia

Um dos principais cientistas do século 20, o biólogo Ernst Mayr (1904-2005) traça uma história da disciplina desde os gregos e disserta sobre ética e evolucionismo, defendendo um "humanismo evolutivo". Trad. Claudio Angelo. Companhia das Letras (tel. 0/ xx/11/ 3707-3500). 440 págs., R\$ 56.

+ Romance

Abdias

Reedição do segundo romance do mineiro Cyro dos Anjos (1906-1994), de 1945. O autor de "O Amanuense Belmiro" trata de um advogado e pai de família que vai dar aulas num colégio de meninas e tem uma paixão platônica por uma aluna de 17 anos. Globo (tel. 0/ xx/11/ 3714-2920). 236 págs., R\$ 29.

+ Crítica

Para Ler Como um...

... Escritor", da crítica literária Francine Prose, autora de "A Vida das Musas", discute como grandes autores

produziram suas obras e explora a importância da leitura, em livro concebido inicialmente como guia. Trad. Maria Luiza X. de A. Borges. Zahar (tel. 0/ xx/ 21/ 2108-0808). 320 págs., R\$ 44,90.

+ Policial

A Fêmea da Espécie

Reunião de nove contos da escritora americana Joyce Carol Oates, vencedora do National Book Award. As histórias descrevem em tramas policiais mulheres de diferentes idades e origens, todas submetidas a provas e sustos. Tradução de Paulo Reis. Record (tel. 0/xx/ 21/2585-2000). 256 págs., R\$ 30.

+ Conto

Putas Assassinas

Compilação de narrativas curtas do chileno Roberto Bolaño. Sem se ater a gêneros, o autor de "Os Detetives Selvagens" registra histórias de personagens boêmios ou marcados pelo exílio, como ele. Tradução de Eduardo Brandão. Companhia das Letras (tel. 0/ xx/11/ 3707-3500). 224 págs., R\$ 38.

- ANEXO 09:

São Paulo, domingo, 16 de março de 2008



Os Dez +

Uma seleção de livros e eventos culturais indicados pelo caderno

+ Pintura

Oscar Oiwa

Com 12 pinturas inéditas retratando conflitos geopolíticos de forma irônica, o artista nissei faz sua quarta exposição individual na galeria Thomas Cohn (tel. 0/xx/11/3083-3355), que comemora seus 25 anos. Em abril, ele faz uma retrospectiva de sua obra no Museu de Arte Contemporânea de Tóquio

+ Arte

Pinturas para Peixes...

... e Outras Pinturas" é a nova série de Rodrigo Andrade, que utiliza óleo sobre tela sobre reprodução do americano Edward Hopper (1882-1967) e nas superfícies internas de aquários, com blocos de tinta em meio a pares de peixes vermelhos e alaranjados. Marília Razuk (tel. 0/xx/11/ 3079-0853).

+ Exposição

Instabile 2008

Conhecido por misturar a cultura popular com a erudita, o artista paraense Emmanuel Nassar homenageia Alexander Calder, criando uma versão brasileira dos "Móviles" e "Estabiles" do escultor norte americano (1898-1976). Na galeria Millan (tel. 0/xx/11/ 3031-6007), em São Paulo.

+ Filosofia

A República

A coleção "Livros Que Mudaram o Mundo" traz ensaio do professor de filosofia na Universidade de Cambridge Simon Blackburn sobre a mais importante obra de Platão. Ele aborda o livro no contexto do século 20. Trad. Roberto Franco Valente. Zahar (tel. 0/ xx/21/ 2108-0808). 188 págs., R\$ 29.

+ Paleontologia

O Povo de Luzia...

... - Em Busca dos Primeiros Americanos" traz o relato dos pesquisadores Walter Neves e Luís Piló sobre descobertas como a do fóssil de mais de 10 mil anos encontrado em Lagoa Santa (MG), suscitando discussões sobre os modos de vida de nossos ancestrais. Ed. Globo (tel. 0/xx/ 11/ 3714-2920).

+ Coletânea

O Mito Individual...

... do Neurótico" reúne três textos de Jacques Lacan. O psicanalista aborda a função religiosa do símbolo e discute, a partir das idéias de Lévi-Strauss, a relação dos mitos com a estrutura das sociedades primitivas. Trad. Claudia Berliner. Zahar (tel. 0/ xx/21/ 2108-0808). 104 págs., R\$ 29.

+ Romance

A Mulher que Fugiu...

... de Sodoma", primeiro romance de José Geraldo Vieira (1897-1977), de 1931, ganha reedição. Elogiado por autores como Manuel Bandeira e Erico Verissimo, Vieira cria uma ficção urbana e carioca utilizando o jogo como pano de fundo. Ed. Leitura (tel. 0/xx/ 31/ 3379-0620). 420 págs., R\$ 45.

+ História

Ascensão e Queda...

... do Terceiro Reich", clássico do jornalista americano William L. Shirer (1904-1993), apresenta os eventos da Segunda Guerra por quem acompanhou o conflito de perto. Tradução de Pedro Pomar e Leônidas Gontijo de Carvalho. Agir (tel. 0/xx/21/ 3882-8200). 880 págs. (vol. 1) e 768 págs. (vol. 2), R\$ 89,90 cada.

+ Importado

Nothing to Be...

... Frightened of", último livro de Julian Barnes, autor de "O Papagaio de Flaubert", acaba de sair no Reino Unido. O romance (Nada para Temer, ed. Jonathan Cape, 256 págs., 16,99 libras, R\$ 58) é um misto de memórias familiares, ensaio sobre a morte e reflexões acerca da obra do escritor francês Jules Renard.

+ Policial

Vestígio

Patricia Cornwell, uma das principais autoras de romances policiais dos EUA, retoma sua personagem Kay Scarpetta. A médica legista tenta esclarecer agora o assassinato de uma garota de 14 anos. Trad. Otacílio Nunes e Claudio Carina. Cia das Letras (tel. 0/ xx/11/ 3707-3500). 448 págs., R\$ 49.

- ANEXO 10:

São Paulo, sábado, 08 de março de 2008 **FOLHA DE S.PAULO** **ilustrada**

Vitrine

FICÇÃO

Contos/Ficção Científica A Cidade Inteira Dorme

RAY BRADBURY

Editora: Globo; **Tradução:** Deisa Chamahum Chaves; **Quanto:** R\$ 27 (196 págs.)

SOBRE O AUTOR: Nascido em 1920, em Waukegan, Illinois, o escritor norte-americano é um dos principais nomes da ficção científica. Publicou "As Crônicas Marcianas", "Algo Sinistro Vem Por Aí", "Uma Estranha Família -Lembranças de um Lugar do Passado" e "Fahrenheit 451" (adaptado para o cinema por François Truffaut), entre outras obras. Roteirista, assinou o texto de filmes como "Moby Dick" (1956), de John Huston.

TEMA: Reunião de contos do renomado autor, incluindo alguns que já tornaram-se célebres, como "O

Pedestre", "O Lixeiro" e "O Homem Ilustrado".

POR QUE LER: A coletânea de narrativas curtas de Bradbury revela a grande habilidade literária do autor, que passeia pelo terror psicológico, pelo fantástico e pela crítica política.

Romance

La Bodega

NOAH GORDON

Editora: Rocco; **Tradução:** Pinheiro de Lemos; **Quanto:** R\$ 39,50 (328 págs.)

SOBRE O AUTOR: Nascido em 1926, o escritor norte-americano tem entre seus best-sellers os livros "O Físico", "O Rabino", "Xamã" e "O Último Judeu".

TEMA: Na França, no fim do século 19, depois de ir à guerra, jovem descobre a arte da produção do vinho. Após a morte do pai, volta à Espanha natal, onde enfrenta problemas financeiros e conflitos familiares.

POR QUE LER: Lançado primeiro na Espanha, com tiragem inicial de 200 mil exemplares, livro está nas principais listas de mais vendidos do país. O autor estava afastado da ficção há oito anos.

NÃO-FICÇÃO

História

Creta

ANTONY BEEVOR

Editora: Record; **Tradução:** Maria Beatriz de Medina; **Quanto:** R\$ 55 (462 págs.)

SOBRE O AUTOR: Educado em Winchester e na Academia Militar de Sandhurst, deixou o Exército após cinco anos para se dedicar à literatura e já publicou livros de ficção e não-ficção, entre eles "Stalingrado" e "O Mistério de Olga Tchekova".

TEMA: A história da rendição da Grécia, na Batalha de Creta, e da resistência cretense à invasão nazista, durante a Segunda Guerra Mundial.

POR QUE LER: Obra traz relatos de participantes-chave do confronto e recebeu críticas positivas de jornais como "The Independent" e "The Daily Telegraph", entre outros.

Medicina/Administração

Por que as Zebras Não Têm Úlceras?

ROBERT M. SAPOLSKY

Editora: Francis; **Tradução:** Ana Carolina Mesquita; **Quanto:** R\$ 89 (592 págs.)

SOBRE O AUTOR: Biólogo e neurologista, professor da Universidade Stanford, nos EUA, é também autor de "Memórias de um Primata".

TEMA: Resultado de pesquisa de mais de 20 anos, livro se debruça sobre os problemas ligados ao estresse, da insônia às doenças cardíacas.

POR QUE LER: Com ilustrações e mais de cem páginas de notas, obra é um sério estudo científico e, no entanto, não perde o viés bem-humorado.

- ANEXO 11:

São Paulo, sábado, 29 de março de 2008

FOLHA DE S. PAULO **ilustrada**

Vitrine

FICÇÃO

Romance

Partículas Elementares

MICHEL HOUELLEBECQ

Editora: Sulina; **Tradução:** Juremir Machado da Silva; **Quanto:** R\$ 45 (296 págs.)

SOBRE O AUTOR: Nasceu em 1958 na ilha Reunião, no oceano Índico. Viveu em Argel (Argélia), indo em 1961 para Paris. Começou carreira com poesia, passou para os romances e hoje também se dedica ao cinema.

Do escritor, saíram no Brasil os livros "Extensão do Domínio da Luta" (Sulina) e "Plataforma" e "A Possibilidade de uma Ilha" (Record).

TEMA: O biólogo Michel sublima o declínio da sua sexualidade no trabalho, nas compras e no uso de tranqüilizantes. Já seu meio-irmão, Bruno, vive uma busca desesperada do prazer sexual.

POR QUE LER: Lançado originalmente em 1998 e publicado em mais de 30 países, o romance polêmico consagrou Houellebecq em todo o mundo. A reedição vem por ocasião do lançamento da versão para o cinema do diretor alemão Oskar Roehler.

Poesia

Toda Poesia de Machado de Assis

MACHADO DE ASSIS

Editora: Record; **Quanto:** R\$ 85 (756 págs.)

SOBRE O AUTOR: Considerado um dos maiores escritores brasileiros, Machado de Assis (1839-1908) foi cronista, contista, poeta, novelista, romancista, crítico e ensaísta. Escreveu "Memórias Póstumas de Brás Cubas" e "Dom Casmurro", entre outros.

TEMA: Cerca de 180 poemas de Machado de Assis, do primeiro soneto, "À Ilma. Sra. D.P.J.A." (1854), ao último, "A Carolina" (1906). Organização de Cláudio Murilo Leal.

POR QUE LER: A antologia faz parte das comemorações dos cem anos de morte do autor, cuja obra poética é reunida pela primeira vez aqui em um só volume.

NÃO-FICÇÃO

Ciência

Descobertas Perdidas

DICK TERESI

Editora: Companhia das Letras; **Tradução:** Rosaura Eichenberg; **Quanto:** R\$ 59 (440 págs.)

SOBRE O AUTOR: Escritor norte-americano, lançou obras como "The Dog Particle", entre outras. Colabora para as revistas "Discover" e "The New York Times Magazine".

TEMA: Decisivas descobertas da história da ciência que foram desenvolvidas por maias, árabes e gregos, entre outros, mas que foram minimizadas pela leitura eurocêntrica.

POR QUE LER: A apresentação das "descobertas perdidas" feita por Teresi tem variados exemplos, escritos de forma bastante clara.

História

Japoneses - A História do Sol Nascente

MARCIA YUMI TAKEUCHI

Editora: Lazuli/Companhia Editora Nacional; **Quanto:** R\$ 18 (152 págs.)

SOBRE A AUTORA: Historiadora com doutorado na USP (Universidade de São Paulo), é pesquisadora do Proin (Projeto Integrado Arquivo/ Universidade) e do Leer (Laboratório de Estudos sobre Etnicidade, Racismo e Discriminação).

TEMA: Edição de bolso que traz a história da imigração dos japoneses para o Brasil, que neste ano completa o centenário.

POR QUE LER: A série "Imigrantes no Brasil" da Lazuli, coordenada pela professora Maria Luiz Tucci Carneiro, traz assuntos históricos com uma abordagem clara, mas não superficial.

- ANEXO 12:

São Paulo, domingo, 02 de março de 2008



+ Lançamentos

Brasil - Paisagens Naturais

128 págs., R\$ 25,90 de Marcelo Leite. Ática (av. Otaviano Alves de Lima, 4.400, CEP 02909-900, SP, tel. 0/xx/11/3990-1777). Doutor em ciências sociais pela Unicamp, o colunista da Folha apresenta os seis biomas do Brasil, em livro ilustrado por diversas fotos. O prefácio é da ministra do Meio Ambiente, Marina Silva.

As Obras do Amor

432 págs., R\$ 66,70 de Soren A. Kierkegaard. Vozes (r. Frei Luís, 100, CEP 25689-900, Petrópolis, RJ, tel. 0/xx/24/2231-4676). O teólogo e filósofo dinamarquês (1813-1855) analisa, nestas considerações de 1847, o mandamento do amor cristão comparado ao amor platônico e à amizade aristotélica.

Hibridismos Musicais de Chico Science e Nação Zumbi

248 págs., R\$ 33 de Herom Vargas. Ateliê Editorial (estrada da Aldeia de Carapicuíba, 897, CEP 06709-300, Cotia, SP, tel./fax 0/ xx/11/4612-9666). Pesquisador de música, cultura e linguagens da mídia do CNPq, Vargas analisa a combinação de tradição e cosmopolitismo nos dois discos gravados antes da morte de Chico Science, em 1997.

Para Além dos Direitos

384 págs., R\$ 46 de Haroldo Abreu. Editora UFRJ (av. Pasteur, 250, sala 107, CEP 22290-902, RJ, tel. 0/xx/21/2542-7646). Professor da Universidade Federal Fluminense, Abreu busca reconstituir o conceito de "cidadania" como modo de pertencer ao ordenamento social, dentro da divisão capitalista do trabalho.

Os Bastidores do Second Life

288 págs., R\$ 39,90 de Wagner James Au. Tradução de Fal Vitiello de Azevedo. Idéia & Ação (r. Cristiano Viana, 1216, CEP 05411-002, SP, tel. 0/xx/11 3873-2062). O jornalista narra a evolução do site Second Life, aborda engenharia social, identidade, romances, código de ética e discute como organizações podem utilizar o ambiente virtual. Inclui glossário.

Homenagem - 80 Anos de Evanildo Bechara

200 págs., R\$ 29,90 Dieli Vesaro Palma, Maria Mercedes Saraiva Hackerott, Neusa Barbosa Bastos e Rosemeire Leão Silva Faccina (orgs.). Nova Fronteira (r. Bambina, 25, CEP 22251-050, RJ, tel. 0/ xx/21/ 2131-1111). Coletânea de ensaios que abordam o trabalho do gramático e lingüista Evanildo Bechara, membro da Academia Brasileira de Letras. Os textos discutem normas e prescrição lingüística, entre outros temas.

Racismo e Discurso na América Latina

384 págs., R\$ 37 Teun A. van Dijk (org.). Contexto (r. Doutor José Elias, 520, CEP 05083-030, SP, tel. 0/xx/11/3832-5838. Traz ensaios de diversos autores analisando o que definem como formas de racismo embutidas nas sociedades de países latino-americanos como Brasil, Argentina, Chile, Colômbia e Guatemala.

Um Sete Um

112 págs., R\$ 27 de Ítalo Ogliari. 7 Letras (r. Jardim Botânico, 600, sala 307, CEP 22461-000, RJ, tel. 0/xx/21/2540-0076). Em seu primeiro romance, o autor, mestre em literatura pela Pontifícia Universidade Católica - RS, narra a história de um homem que resolve contar sua vida a um mendigo, a quem trata como se fosse seu pai.

O Poeta e a Consciência Crítica

216 págs., R\$ 35 de Affonso Ávila. Perspectiva (av. Brigadeiro Luís Antônio, 3.025, CEP 01401-000, SP, tel. 0/xx/11/3885-8388). Nesta coletânea de ensaios originalmente lançada em 1969, as tensões entre consciência crítica e liberdade criativa, tradição e vanguarda na literatura brasileira são analisadas pelo poeta e crítico literário mineiro.

Leitura, Literatura Infanto-Juvenil e Educação

314 págs., R\$ 45 de Célia Regina Delácio Fernandes. Editora da Universidade Estadual de Londrina (campus universitário, s/nº, CEP 86051-990, Londrina, PR, tel. 0/ xx/ 43/3371-4673). Professora e pesquisadora da Universidade Federal da Grande Dourados, a autora aborda o papel da escola como mediadora na divulgação de livros voltados para o segmento infanto-juvenil.

- ANEXO 13:

São Paulo, domingo, 30 de março de 2008



+ Lançamentos

A Saúde Pública no Rio de Dom João

120 págs., R\$ 29,90 de Manoel Vieira da Silva e Domingos R. dos Guimarães Peixoto. Senac Rio (av. Franklin Roosevelt, 126/604, CEP 20021-120, RJ, tel. 0/xx/21/2510-7100). No primeiro destes dois textos de época, Silva destaca a influência do clima quente e úmido sobre o solo e sugere o aterramento das áreas pantanosas, que

poderiam ser foco de doenças. No outro, Peixoto aponta a importância da chegada da família real para o avanço na saúde pública.

A Memória, a História, o Esquecimento

536 págs., R\$ 82 de Paul Ricoeur. Trad. Alain François. Ed. Unicamp (r. Caio Graco Prado, 50, Cidade Universitária, CEP 13083-892, Campinas, SP, tel. 0/xx/ 19/3788-7235). O filósofo francês (1913-2005) resume seus estudos sobre a memória em três partes. Na primeira, enfoca os fenômenos mnemônicos; na segunda, a epistemologia das ciências históricas; na terceira, conclui com uma análise hermenêutica da condição histórica dos seres humanos.

Música em Debate

256 págs., R\$ 39 Samuel Araújo, Gaspar Paz e Vincenzo Canbria (orgs.). Faperj/Mauad (r. Joaquim Silva, 98, 5º andar, CEP 20241-110, RJ, tel. 0/xx/21/3479-7422). Nove ensaios, escritos por nomes como Flávia Camargo Toni e Henrique Gandelman, que enfocam temas como acervos fonográficos de música em tradição oral, direito autoral e as diversas formas de propriedade intelectual e as inter-relações musicais entre África e América.

Sartre e o Pensamento Mítico

248 págs., R\$ 30 de Caio Liudvik. Ed. Loyola (r. 1.822, nº 347, CEP 04216-000, São Paulo, SP, tel. 0/xx/11/6914-1922). Mestre em filosofia pela USP, o autor analisa a estréia de Sartre (1905-80) como dramaturgo, em 1943, com "As Moscas" -em que recria a tragédia grega "Orestéia" (Ésquilo) sob a ótica da ocupação nazista da França.

Hegel e o Estado

656 págs., R\$ 118 de Franz Rosenzweig. Tradução de Ricardo Timm de Souza. Perspectiva (av. Brigadeiro Luís Antônio, 3.025, SP, CEP 01401-000 tel. 0/xx/11/ 3885-8388). Considerada obra de grande importância nas pesquisas sobre a filosofia de Friedrich Hegel (1770-1831), traz o conceito de Estado em sua obra. Prefácio do filósofo Roberto Romano.

Escrever sobre Escrever

216 págs., R\$ 33 de Claudia Amigo Pino e Roberto Zular. WMF Martins Fontes (r. Conselheiro Ramalho, 330, CEP 01325-000, SP, tel. 0/xx/11/3241-3677). Os autores descrevem as ferramentas próprias ao método da crítica genética -ou crítica do processo, dedicada ao estudo dos manuscritos- desde seu surgimento, na efervescência de 1968, em Paris.

Ritual, Risco e Arte Circense

316 págs., R\$ 40 de Guilherme Veiga. Universidade de Brasília (SCS, quadra 2, bloco C, nº 78, ed. OK, 1º andar, CEP 70302-907, Brasília, DF, tel. 0/xx/61/ 3035-4211). Tese de doutorado em sociologia que aborda a performance e as fronteiras epistemológicas e conceituais entre a arte e o circo, além de traçar o panorama do desenvolvimento do espetáculo circense.

Revoluções de Independências e Nacionalismos nas Américas

244 págs., R\$ 30 Marco A. Pamplona e Maria Elisa Mäder (orgs.). Tradução de Miriam Xavier e Patrícia Zimbres. Ed. Paz e Terra (r. do Triunfo, 177, CEP 01212-010, São Paulo, SP, tel. 0/xx/ 11/3337-8399). Ensaios discutem a Independência mexicana, o papel tradicional da mulher e a xenofobia nos discursos político e religioso.

Sotaques d'Aquém e d'Além Mar

240 págs., R\$ 44,90 de Manuel Carlos Chaparro. Summus (r. Itapicuru, 613, 7º andar, CEP 05006-000, SP, tel. 0/xx/11/3872-3322). O doutor em comunicação e professor de jornalismo na Universidade de São Paulo compara as classes de texto jornalístico de Brasil e de Portugal e propõe uma teoria dos gêneros.

- ANEXO 14:

São Paulo, domingo, 02 de março de 2008

FOLHA DE S.PAULO **ilustrada**

Coleção traz Drummond dos temas sociais

"O Sentimento do Mundo", do escritor mineiro, é o quarto volume da série

Livro de 1940 que chega às bancas no próximo domingo revela acirramento de questões políticas do poeta

DA REPORTAGEM LOCAL

Surgido na arena literária em 1930 com o lançamento da coletânea "Alguma Poesia", Carlos Drummond de Andrade (1902-1987) rapidamente firmou-se como um dos principais poetas brasileiros.

Na verdade, em seu território específico -no qual se evidenciam a ironia e o distanciamento, a dialética entre o pessoal e o social, uma antilírica assentada no raciocínio lógico-, Drummond reina de modo absoluto em nossas letras.

"Sentimento do Mundo" (1940) -quarto volume da "Coleção Folha Grandes Escritores Brasileiros", que chega às bancas no próximo domingo- representa um acirramento das preocupações sociais do poeta, cujo auge se dá em "A Rosa do Povo" (1945), até hoje seu livro mais político.

O tema social não surge isolado, mas se vincula a um "eu" que se vê acaçapado por um mundo que não compreende e mal consegue suportar. Devemos lembrar que, no Brasil, vivia-se sob a ditadura do Estado Novo e, no cenário mundial, eclodia então a Segunda Guerra Mundial.

Assim, o sentimento que o poeta tem do mundo é de algo descomedido e doloroso. "Esse amanhecer/ mais noite que a noite", começa. Adiante, confessa-se pequeno: "Não, meu coração não é maior do que o mundo. É muito menor".

Embora observe que o mundo "não pesa mais que a mão de uma criança", não acredita que um ser humano apenas, em seu arrepio existencial, possa fazer a diferença: "porque não podes, sozinho, dinamitar a ilha de Manhattan".

Se em "O Sentimento do Mundo" a ação ainda não parece possível, existe a esperança na atividade poética, aquela que aproxima o poeta de sua gente e de seu tempo: "Não serei o poeta de um mundo caduco./ Também não cantarei o mundo futuro. [...] O tempo é a minha matéria, o tempo presente, os homens presentes,/ a vida presente".

- ANEXO 15:

São Paulo, domingo, 09 de março de 2008

FOLHA DE S.PAULO **ilustrada**

Livro de Verissimo é o quinto da "Coleção"

"Um Certo Capitão Rodrigo" estará à venda no próximo domingo por R\$ 14,90

A obra, da trilogia "O Tempo e o Vento", faz uma crítica à moral conservadora do início do século 19 e revela a região Sul do país

DA REPORTAGEM LOCAL

"Um Certo Capitão Rodrigo", quinto volume da "Coleção Folha Grandes Escritores Brasileiros", faz parte da famosa trilogia "O Tempo e o Vento", de Erico Verissimo.

A série de eventos protagonizada por Rodrigo Cambará fez tanto sucesso que passou a ser disponibilizada como livro de leitura independente.

Amante do carteadado, da cachaça e da companhia feminina, o capitão Rodrigo desafia a moral conservadora do início do século 19 e provoca a desconfiança da população de Santa Fé, quando chega ao lugarejo com o chapéu puxado para a nuca, a cabeleira ao vento e o violão a tiracolo.

"Buenas e me espalho! Nos pequenos dou de prancha e nos grandes dou de talho!", grita o malas-artes à guisa de apresentação.

O conflito se acirra quando Rodrigo se apaixonou pela formosa Bibiana Terra, cortejada pelo filho do coronel Ricardo Amaral Neto, o mandatário político de Santa Fé. O capitão não se deixa intimidar nem mede conseqüências: para ele "é oito ou oitenta". Seu comportamento descomedido sugere o descortinar de uma tragédia.

A obra, que traz como pano de fundo a sangrenta Revolução Farroupilha, dá mostras do talento de Erico de compor personagens críveis e cativantes, como o rebelde Rodrigo e a tenaz Bibiana, e de desenvolver narrativas que cativam a imaginação do leitor.

Além da saga de "O Tempo e o Vento", lançada em sete volumes entre 1949 e 1963, Erico publicou inúmeros romances de êxito, como "Clarissa" e "Incidente em Antares" -que o tornaram o mais popular romancista brasileiro do século 20, ao lado de Jorge Amado.

O escritor, que se definia modestamente como um "contador de histórias", sofreu influência da técnica narrativa posta em prática pelo romancista inglês Aldous Huxley. O método consiste em entrelaçar diversas situações, passando de uma a outra como em um contraponto musical. Embora o procedimento se mostre mais visível no romance "Caminhos Cruzados", de certo modo está presente em quase todas as obras de Erico.

Ora descrevendo a burguesia dos centros urbanos (como em "Clarissa"), ora investindo em uma notação de cunho mais regionalista (como neste "Um Certo Capitão Rodrigo"), Erico foi responsável por desvendar ao Brasil um pedaço -então- ainda desconhecido de seu território: a região Sul.

Ao explicar o "papel extraordinário" que tiveram os escritores da geração de 1930 (da qual Erico faz parte) na elucidação do Brasil aos brasileiros, o crítico Antonio Candido confessa seu encanto de "ginasiano do interior de Minas" diante dos livros do gaúcho. Para ele, como para milhares de leitores, as obras de Erico "foram antes de mais nada uma espécie de revelação do Rio Grande do Sul".

Embora a novidade em torno da região na época ainda desconhecida tenha desde então desaparecido, pode-se dizer que o deslumbramento diante do universo ficcional criado por Erico Verissimo não se perdeu: mantém-se intacto até os dias de hoje.

- ANEXO 16:

São Paulo, domingo, 30 de março de 2008

FOLHA DE S.PAULO **ilustrada**

Livro de Lima Barreto é o próximo da "Coleção"

"Triste Fim..." estará à venda nas bancas no dia 6/4

DA REPORTAGEM LOCAL

Um major, subsecretário do Arsenal de Guerra, patriota exaltado que insiste para que o tupi-guarani seja decretado "língua oficial e nacional do povo brasileiro", é o protagonista de "Triste Fim de Policarpo Quaresma", o oitavo volume da série "Coleção Folha Grandes Escritores Brasileiros".

Trata-se do principal romance de Lima Barreto (1881 -1922), escritor que nasceu pobre, viveu como pequeno funcionário e publicou artigos e romance em jornais, inclusive "Triste Fim..." (lançado em folhetins, no "Jornal do Comércio", em 1911).

Nem o autor obteve sucesso, nem sua voz teve o crédito merecido na conservadora sociedade do início do século 20.

Dado a crises de depressão, alcoólatra, Barreto internou-se duas vezes no Hospício Nacional. Morreu de colapso cardíaco, com apenas 41 anos.

Durante algum tempo a crítica se pautou em localizar indícios autobiográficos em sua ficção, que também era acusada de não exibir bastante sofisticação artística. Mas a verdade é que, como um todo, sua obra transcende essa conjuntura redutora.

Policarpo é mais do que Barreto. O personagem representa o nacionalista íntegro e ingênuo, que não compreende as engrenagens que movem os interesses políticos e acabam por esmagá-lo.

Nesse sentido, Policarpo não deixa de ser um sonhador nos moldes de Dom Quixote.

Como observou o crítico Oliveira Sobrinho: "Ambos são otimistas incuráveis, porque acreditam que os males sociais e sofrimentos humanos podem ser curados pela mais simples e ao mesmo tempo mais difícil das terapêuticas, que é a aplicação da justiça da qual um e outro se arvoraram paladinos".

Se há muito de sátira nos traços e no comportamento de Quaresma, e esta convida ao riso, trata-se de um riso amargo, pois esbarra no estado melancólico que envolve o personagem, cujo destino parece ser o de todos os que crêem em um ideal caduco ou impossível.

Ao sair do hospício, Quaresma se envolve na Revolta da Armada (1893) na condição de defensor do presidente Floriano Peixoto, que chega a lhe dizer: "Você, Quaresma, é um visionário...".

Mas o presidente se revela um ditador, e seu admirador, sem que este último saiba bem por quê, acaba preso e condenado como traidor.

As palavras com que, em carta à irmã, ele exprime seu desalento são de um patetismo poucas vezes alcançado na ficção brasileira. Lembram o monólogo final de Macbeth, antes da queda de seu reino: "Esta vida é absurda e ilógica [...] Ninguém compreende o que quero, ninguém deseja penetrar e sentir; passo por doido, tolo, maníaco e a vida se vai fazendo inexoravelmente com a sua brutalidade e fealdade."

O livro "Triste Fim de Policarpo Quaresma" estará à venda nas bancas no próximo domingo.

- ANEXO 17:

São Paulo, quinta-feira, 20 de março de 2008

FOLHA DE S. PAULO **ilustrada**

Mônica Bergamo

@ - bergamo@folhasp.com.br

Antônio Gaudério/Folha Imagem



INVENTANDO MAITÊ A atriz Maitê Proença estréia como autora de ficção; em seu novo livro, "Uma Vida Inventada", a história da personagem, que não tem nome, se mistura com a da própria escritora; a obra será lançada em SP no dia 2 de abril, na Livraria da Vila; a editora Agir também vai relançar o primeiro livro de Maitê, "Entre Ossos e a Escrita"

Novos ares

Já repousa sobre a mesa de José Serra um estudo para mudar a sede do governo de SP, do Palácio dos Bandeirantes, no Morumbi, para o centro da cidade. O projeto foi elaborado pela FAU (Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, da USP) a pedido do governador.

Entre outras coisas, prevê que o gabinete de Serra seja instalado no Palácio dos Campos Elíseos, na avenida Rio Branco, e que quatro casas do entorno, tombadas, abriguem os gabinetes de outros secretários.

PARCERIA

O trabalho prevê ainda a construção de um bulevar e de grandes espaços no subsolo, a incorporação de um terminal de ônibus ao complexo, para virar uma praça, e a construção de um prédio para abrigar eventos culturais. O trabalho foi coordenado por Sylvio Sawaya, diretor da FAU. Ele confirma e diz esperar que "essa parceria do governo com a universidade seja a primeira de muitas". O estudo indica também a necessidade de intervenções na Luz e no Bom Retiro.

TRILHA

Para conversar sobre o projeto, Serra já fez caminhadas de mais de cinco horas no centro com Sawaya e secretários, como Aloysio Nunes Ferreira, da Casa Civil, Francisco Luna, do Planejamento, e João Sayad, da Cultura.

PARA TODOS

Emanoel Araújo pode doar seu acervo, atualmente no Museu Afro Brasil, no Ibirapuera, ao governo de SP. "É só uma conversa inicial, não posso confirmar nada", diz. O Estado assumiria a administração do museu.

SER OU NÃO SER

O conselho da Bienal de São Paulo marcou reunião para a próxima terça, 25. Vai analisar as versões sobre o pedido de renúncia do ex-secretário da Cultura, Marcos Mendonça, da vice-presidência da instituição. O "pedido de demissão" foi anunciado por Manoel Pires da Costa, presidente da Bienal. Mendonça diz que é mentira -ele nunca renunciou. O conselho vai confrontar as duas versões.

COTAS

A TV Record já fechou seu plano de comercialização dos Jogos de Inverno de Vancouver, em 2010, junto com a Olimpíada de Londres, em 2012. Cada uma das seis cotas nacionais será vendida por US\$ 37,5 milhões. O anunciante ficará quatro anos no ar.

BIS

Walter Zagari, vice-presidente comercial da emissora, acaba de renovar seu contrato, até 2015.

TECENDO PROSA

Sobrinho de Manuelzão, vaqueiro que foi personagem de Guimarães Rosa, Pedro Fonseca vai escrever a biografia de seu tio, batizada de "O Xale de Rosa". Além de fitas gravadas com entrevistas, visitou Dom Silvério, cidade natal de Manuelzão. Descobriu que o vaqueiro tem três irmãos vivos.

MISSÃO TACACÁ

O chef Felipe Ribenboim, que trabalhou com o catalão Ferran Adrià, vai levar os espanhóis Toni Massanés e Elena Roura para uma "expedição" em Manaus. Eles são da Alícia, fundação de pesquisa gastronômica criada por Adrià, e querem conhecer a culinária local.

CONTÊINER DE SEDA

Dois contêineres com 20 figurinos do estilista Christian Lacroix estão a caminho de Manaus. As peças de seda e renda chegam no dia 7 de abril, para o espetáculo "Maria Golovin", que será apresentado no Festival Amazonas de Ópera. Todos os objetos de cena, com exceção do piano, virão da Ópera de Marselha, na França.

DO PT E DO DEM

Edoardo Pollastri, que tenta a reeleição ao Senado da Itália, na vaga destinada aos italianos que moram na América do Sul, reuniu um quórum suprapartidário de brasileiros na convenção que seu partido realizou em SP, no domingo: o secretário-geral da Presidência, Luiz Dulci (PT), o ex-governador Cláudio Lembo (DEM) e os deputados tucanos Julio Semeghini e Ricardo Tripoli. Pollastri é candidato pelo Partido Democrático italiano, de centro-esquerda.

CURTO-CIRCUITO

O SESC VILA MARIANA apresenta hoje o grupo instrumental Divina Incrensa, com Azael Rodrigues, a partir das 20h30.

O ESCRITOR ARGENTINO Pablo Bernasconi vai participar da feira do livro do colégio Miguel de Cervantes, em maio.

O CANTOR E VIOLONISTA Gabriel Guerra volta hoje ao palco do Tom Jazz, com o show do CD "Nobre Guerreiro", às 22h.

A PEÇA "Sua Excelência, o Candidato", protagonizada por Thiago Fragoso, reestréia amanhã, no teatro Sérgio Cardoso.

Com AUDREY FURLANETO, DIÓGENES CAMPANHA e DÉBORA BERGAMASCO

- ANEXO 18:

São Paulo, terça-feira, 25 de março de 2008

FOLHA DE S. PAULO **ilustrada**

Mônica Bergamo

bergamo@folhasp.com.br

Paula Huven/Folha Imagem



Marina Morena, criada pela família de Gilberto Gil, chega ao seu casamento com o fotógrafo e maquiador Fernando Torquatto

Em cartaz

O livro "Direito à Memória e à Verdade", com a história de 339 mortos ou desaparecidos na época da ditadura, que quase gerou uma "rebelião" militar no governo Lula no ano passado, dará origem a um projeto maior neste ano. Com orçamento de R\$ 500 mil, a Secretaria de Direitos Humanos vai realizar exposições com as fotos do livro e manifestações em todos os Estados do país. Em São Paulo, ela deve ocorrer no prédio onde funcionou o Dops, no dia 1º de Maio.

DEMISSÃO

Quando o livro foi lançado por Lula, há sete meses, o ministro da Defesa, Nelson Jobim, ameaçou destituir o comandante do Exército, general Enzo Martins Peri, e outros que ameaçavam aderir a uma reação considerada "fora do tom" contra o livro-relatório.

NOVELO

As mais do que complexas negociações para a compra da Brasil Telecom pela Oi esbarraram, no fim de semana, no seguinte impasse: caso Daniel Dantas, do Opportunity, mantenha o direito de acionar o Citibank no futuro, o banco americano, se derrotado na Justiça, poderia retroceder essas mesmas ações contra os fundos de pensão, seus atuais parceiros? Os fundos disseram que não. E consideraram as negociações suspensas "por tempo indeterminado". Elas acabaram sendo retomadas na manhã de ontem.

SOLTEIRICE

A atriz Ana Paula Arósio aproveitou o fim do domingo de Páscoa para beijar na boca, na boate A Loca, em SP, onde ficou até 3h30. Segundo sua assessoria de imprensa, "se [Ana] deu "selinho" em alguém, foi em um amigo, sem maldade" e ela "continua solteira".

SEIO À MOSTRA

A apresentadora Sabrina Sato, flagrada no casamento de Marina Morena com um seio à mostra, se diz inconformada com o episódio: "Justo no dia em que estava vestida até o pé? Tenho seio pequeno, a culpa foi da alça larga do vestido" -um Barbara Bela, da Daslu.

LOCAL DO "SIM"

A modelo Letícia Birkheuer e o empresário Alexandre Birman vão se casar na igreja São Francisco de Paula, no largo São Francisco, no Rio.

COPO DE VENENO

O cineasta Sérgio Rezende começa a filmar em meados do ano seu longa "Salve Geral", em São Paulo. Andrea Beltrão vai interpretar uma professora de piano que se envolve com o PCC. Os atentados cometidos pelo grupo e que paralisaram São Paulo, em 2006, serão as "vedetes" do filme.

PORTEIRO ARTISTA

Dono da editora Cosac Naify, Charles Cosac chegou de motorista com 30 livros no porta-malas a um prédio da rua Bela Cintra, em SP. Eram presentes para o porteiro José Carlos da Silva, fã do pintor Caravaggio. "Eu não sei explicar, mas gosto de arte e o seu Charles me ajudou muito", orgulha-se José, que está terminando o ensino médio para tentar vaga numa universidade.

COPIA E COLA

Enquanto não sai da geladeira do SBT, o apresentador Ratinho vai procurar em Las Vegas modelos de programas para copiar. Em abril, vai para os EUA com diretores de sua retransmissora, a Rede Massa, participar de uma feira sobre TV.

CURTO-CIRCUITO

O LIVRO "ÉPICOS" , organizado por Ivan Teixeira, vai ser lançado hoje pela Edusp, às 19h, no auditório da Fiesp.

ABELARDO FIGUEIREDO lança hoje a autobiografia "O Show Não Pode Parar", a partir das 18h30, na Galeria Ouro Fino.

CANDIDA DE ARRUDA BOTELHO autografa hoje os livros "Maria do Carmo Monteiro da Silva" e "Candido Botelho", sobre os músicos dos anos 30, no CIEE Espaço Sócio-cultural.

ESTRANGEIRISMO NA LÍNGUA PORTUGUESA é tema da conversa entre Xico Sá e José Luiz Fiorin amanhã, no Sesc Pompéia.

PIERRE SCHÜRMAN recebe hoje empresários para o evento Champagne Experience no Brooklin, a partir das 19h30.

com **AUDREY FURLANETO, DIÓGENES CAMPANHA e DÉBORA BERGAMASCO**

- ANEXO 19:

São Paulo, domingo, 30 de março de 2008



Cabeças em risco

Coleção sobre pensadores brasileiros atuais tem início com obras sobre Boris Fausto,

Evaldo Cabral e Silviano Santiago

FRANCISCO ALAMBERT
ESPECIAL PARA A FOLHA

Parece existir uma onda revisionista da crítica intelectual brasileira recente, justamente quando, para muitos, a

base de suas especificidades (a cultura pré-1964) está morta. É um sinal de alento, depois que um dos próceres intelectuais mais marcantes da geração, Fernando Henrique Cardoso, na qualidade de presidente da República, teria sentenciado o famoso "esqueçam o que escrevi".

Cada vez mais estão sendo publicados livros sobre quem faz e pensa em livros. E o melhor: sobre autores vivos. Daí a importância da série inaugurada pelas editoras UFMG e Perseu Abramo, "Coleção Intelectuais do Brasil", que começa com três volumes (que trazem sempre ao final uma longa entrevista com os intelectuais analisados) justamente dedicados a Evaldo Cabral de Mello, Boris Fausto [historiadores] e Silviano Santiago [crítico]. Juntem-se a esses os lançamentos recentes de livros sobre a obra de Fernando Novais ("Aproximações", Cosac Naify) e Roberto Schwarz ("Um Crítico na Periferia do Capitalismo", Companhia das Letras) e teremos muito que pensar. Sobretudo porque -muitos repetem isso como um mantra paralisante- escrever sobre os vivos é perigoso.

Dos três livros, aquele organizado por Lilia Schwarcz, sobre Evaldo Cabral de Mello, me parece o mais robusto intelectualmente. O texto de Stuart Schwartz, que abre o volume (após uma precisa introdução da organizadora), é um ótimo panorama da obra do historiador pernambucano, vista "de fora" (por um norte-americano) e "de dentro" (pois apresenta os aspectos principais da obra analisada).

O de Luiz Felipe de Alencastro, talvez o mais aprofundado de todas as coletâneas resenhadas aqui, traz o diálogo de um discípulo peculiar, capaz de analisar com rigor e graça o estilo narrativo e as idéias do mestre, sem se furtar a fazer reparos críticos e a propor questões.

Também os outros textos, assinados por Júnia Ferreira Furtado, Pedro Puntoni e pela organizadora, tratam de um historiador inclassificável, moderno e conservador ao mesmo tempo, diante do qual reinava até agora um quase-silêncio respeitoso, motivado talvez pela dificuldade em abordar o "enigma Evaldo" -que, como diz Puntoni, nos ensina não apenas a manipular a história, mas a habitá-la.

Disposição

Ângela de Castro Gomes, organizadora do volume dedicado a Boris Fausto, explicita logo na introdução o fascínio e a dificuldade da proposta da coleção. Ela nota, com perspicácia auto-reflexiva, que a "proposta é arriscada", pois "tratar da obra de intelectuais vivíssimos, sob encomenda, não resvalando em escrita apenas elogiosa e meio vazia, é coisa que exige disposição, quer de quem escreve, quer do próprio sujeito sobre quem se escreve".

Os textos do volume, assinados por Sílvia Regina F. Petersen, Sérgio Adorno e Keila Grinberg, dão conta da tarefa. Eu destacaria o texto de Adorno, que explica um dos aspectos mais originais da obra de Fausto, o trabalho pioneiro sobre a criminalidade em São Paulo.

Além disso, a entrevista que fecha o volume é muito simpática e agradável. Os textos do livro sobre Silviano Santiago compõem um divertido compêndio ou dicionário de bolso de toda a parafernália sintática pós-moderna na sua vertente lítero-filosófica (que se tornou a linguagem do poder contemporâneo nas universidades norte-americanas): uma festa de "hibridismos", "homographesis", "imbricação", "indecidível", "dicotomias ordenadoras", "anestésica", "transmigração" etc.

Parte disso pode ser do gosto e da vertente do homenageado, mas falta aos textos dos comentadores (com a exceção do esclarecedor ensaio de Wander Melo Miranda sobre a obra ficcional de Santiago) a graça do jeito de prosa "mineira", da simpática desconversa, que acompanha seus textos de toda ordem, desde os ensaios mais profundos (não raramente também pouco acabados e dispersivos) à mais pretensiosa narrativa.

O texto de apresentação, da organizadora Eneida Leal Cunha, contrasta violentamente com os outros dois. Enquanto estes são diretos, dialogam com o leitor, se justificam e se autoproblematizam, o dela é uma hagiografia bastante obscura, dirigida a devotos. Curiosamente, o ensaio da organizadora fala muito em diálogo com o mundo e suas infinitas e "híbridas" "imbricações", em uma linguagem pedante e absolutamente ortodoxa. O ensaio da crítica argentina Florencia Garramuño procura mostrar que Silviano seria o guru do pós-modernismo na América Latina -ou, na linguagem evasiva da organizadora, o responsável por uma "ação tutorial". No geral, são, a meu ver, livros excelentes, de uma coleção que promete marcar época no estudo da intelectualidade brasileira, suas filiações e conseqüências.

FRANCISCO ALAMBERT é professor de história social da arte e história contemporânea na USP.

LEITURAS CRÍTICAS SOBRE EVALDO CABRAL DE MELLO

Organização: Lilia Moritz Schwarcz

Editora: Fundação Perseu Abramo/ UFMG (0/xx/31/ 3409-4657)

Quanto: R\$ 36 (208 págs.)

LEITURAS CRÍTICAS SOBRE BORIS FAUSTO

Organização: Ângela de Castro Gomes

Editora: Fundação Perseu Abramo/ UFMG

Quanto: R\$ 38 (236 págs.)

LEITURAS CRÍTICAS SOBRE SILVIANO SANTIAGO

Organização: Eneida Leal Cunha

Editora: Fundação Perseu Abramo/ UFMG

Quanto: R\$ 38 (240 págs.)

- ANEXO 20:

São Paulo, domingo, 23 de março de 2008



+ Livros

Imaginação sem poder

"Trilogia do Controle" investiga os mecanismos culturais que aboliram o ficcional em favor da verdade

LEOPOLDO WAIZBORT
ESPECIAL PARA A FOLHA

Por mais que o sentido da mimese se furte, em seus primórdios, a uma definição unívoca, é certo que Aristóteles e Platão buscaram sistematizar um problema antigo. Já então o juízo sobre a mimese sofrera uma série de deslocamentos, mudanças de ênfase e mesmo incompreensões, voluntárias ou não.

A "Trilogia do Controle", de Luiz Costa Lima, propõe-se a investigar um desses deslocamentos, marcado por mecanismos profundos de dominação da e na cultura do Ocidente. Como talvez nenhuma outra, a "Trilogia" revela uma inflexão decisiva na obra do autor, que demarca um complexo de investigações que perdura até seus livros mais recentes ("Mimesis" e "História, Ficção, Literatura").

A trilogia, publicada seguidamente na segunda metade dos anos 1980, compõe-se de "O Controle do Imaginário", "Sociedade e Discurso Ficcional" e "O Fingidor e o Censor". Os três livros aparecem agora reunidos em um único volume, cujas mais de 800 páginas exigem do leitor muita dedicação, assim como exigiram, a seu tempo, do autor.

Maratona

É obra de fôlego, e, refletindo sobre isso, ocorre-me que se trata não do fôlego de mergulhador, que permanece submerso à procura da pérola de sua vida, mas de fôlego de maratonista, que percorre incansavelmente todo o caminho que o seu desafio exige e que, mesmo ao final, sabe que tem pela frente uma nova corrida.

O problema de Costa Lima é a questão da mimese. Intriga-o como a passagem da mimese à semelhança implicou um veto ao ficcional, em favor de um certo regime de verdade (sempre repostos em variadas figuras históricas). Diante disso, opera dois movimentos complementares: por um lado, busca acompanhar a história desse veto, entendido como um controle do imaginário (e, portanto, como um mecanismo de poder e de reprodução de poder).

Por outro lado, busca deitar raízes para a compreensão e fundamentação da mimese como produção da diferença (de onde a idéia de que a pluralidade discursiva -na qual o imaginário não estaria condenado- é a contraface necessária de uma sociedade mais livre).

Não me é possível elencar os tópicos principais da "Trilogia", nem mesmo o fio de seu argumento, que vai se desdobrando em meandros vários, esperados e inesperados, compactos e extensos, literários e extraliterários, armando uma teia bastante complexa e, como reconhece o próprio autor, necessariamente incompleta.

Não obstante, a redução da mimese à "imitatio" (esta, contínua à semelhança e ao verossímil) significou a criação de um mecanismo de controle da subjetividade, sobretudo desde o momento no qual esta se desvencilha de uma totalidade cósmica e absoluta (no curso da argumentação, desde a Baixa Idade Média). Posteriormente, a emergência da subjetividade expressiva resultará na falência da "imitatio", sem que a mimese seja reconduzida à "poiesis" -antes o contrário.

Surpreendente

Nessa direção, poder-se-ia afirmar que a trilogia tanto historia a disjunção de mimese e "poiesis", quanto

reivindica a mimese como "poiesis", uma concepção na qual a dimensão de similitude permanece presente, mas se abre para o domínio do diferente, divergente e imaginário.

Em tal perspectiva, a análise do discurso histórico e crítico se torna móvel privilegiado, no qual seria possível expor os desencontros de razão e imaginação, história e ficção, documento e discurso, realidade e verdade, e que Costa Lima investiga em várias constelações históricas, na Europa, na América Latina e no Brasil.

Há na "Trilogia..." muitas coisas surpreendentes. A que mais me assombra, em meio ao esforço de construção teórica, é o ajuste de contas com a cultura latino-americana (colonial e pós-colonial), tributo que o autor brasileiro não se furta de prestar e quitar.

Nesse quadro, a discussão de Jorge Luis Borges é das mais sugestivas e inusitada para este leitor comum. Se por um lado Borges é controlado, por outro aparece também como controlador. Em poucas palavras: a análise da recepção argentina da época mostra Borges controlado, recusado como escritor argentino, não comprometido com valores humanos.

O outro lado, o Borges controlador, exige um percurso complexo. Borges toma para si elementos da gnose, que converte em procedimento de fabulação. A gnose é o fundamento do mito em Borges, que por sua vez é o centro a partir do qual irradia, e para o qual converge, a sua narrativa.

Sua obra seria "uma narrativa conformada ao padrão do mito, mas que não se queria mito". Seu caminho foi a estetização (seja da metafísica, seja do religioso), instituindo um privilégio do texto que acaba por bloquear a mencionada pluralidade discursiva. Assim, muito paradoxalmente, o autor das "Ficciones" opera um veto do ficcional e, o que é assombroso, no fundo tolhe a imaginação.

LEOPOLDO WAIZBORT é professor de sociologia na Universidade de São Paulo e autor de "As Aventuras de Georg Simmel" (editora 34).

TRILOGIA DO CONTROLE

Autor: Luiz Costa Lima

Editora: Topbooks (tel. 0/xx/21/ 2233-8718)

Quanto: R\$ 79,90 (846 págs.)